



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

BENONE COSTA FILHO

**A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA:
CADerno de APRENDIZAGEM DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º ANO DA
REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RORAIMA**

Boa Vista, RR

2025

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C837r Costa Filho, Benone.

A relação ensino-aprendizagem no Ensino de História: Caderno de Aprendizagem de Ensino de História do 6º ano da rede estadual de educação de Roraima / Benone Costa Filho. – Boa Vista, 2025.

177 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Cunha Pereira.

Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA.

1. Ensino de História. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Interculturalidade. 4. Caderno de Aprendizagem. I. Título. II. Pereira, Mariana Cunha (orientadora).

CDU (2. ed.) 372:93(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista (UFRR):
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

BENONE COSTA FILHO

**A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA:
CADERNO DE APRENDIZAGEM DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º ANO DA
REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RORAIMA**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/ PROFHISTÓRIA da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Orientadora: Prof.^a Doutora Mariana Cunha Pereira.

Boa Vista, RR

2025

BENONE COSTA FILHO

**A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA:
CADERNO DE APRENDIZAGEM DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º ANO DA
REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RORAIMA**

Aprovada em: 07 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora:

Orientadora: Doutora Mariana Cunha Pereira

Universidade Federal de Roraima – UFRR

Membra externa: Doutora Maria José dos Santos

Universidade Estadual de Roraima – UERR

Membra interna: Alessandra Rufino Santos

Universidade Federal de Roraima – UFRR

Boa Vista, RR

2025

AGRADECIMENTOS

Ser professor é ser desafiado todos os dias! Entre esses desafios, o de já no limiar de uma caminhada de mais três décadas indo rumo à aposentadoria, a gente resolver participar e ser aprovado na seleção de um mestrado. E com isso questionar: e agora? E já dar a resposta: continuar caminhando. Assim, adiar a aposentadoria, para pôr em prática as aprendizagens obtidas no mestrado do PROFHISTÓRIA. E foram muitos os aprenderes, desaprenderes, reaprenderes que serão essências para as mudanças de paradigmas que tivemos na educação escolar básica, tanto referente ao ato de ensinar pós BNCC, desde a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Diante de tudo isso,

Agradeço mais uma vez a Universidade Federal de Roraima por nos proporcionar, entre outros, o Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, contribuindo para mais solidez à nossa profissão de ser professor(a) de História.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela a Bolsa de Mestrado a mim concedida.

Agradeço a minha companheira de todos os momentos da minha vida, Maviniê Lopes Costa, te amo. A minha filha Ana Paula, mãe da Cecília e do Alexandre, neta e neto, que tanto amo. Estendido também para o meu filho Thiago, aquele abraço!

Agradeço a toda a docência, estendido também para o grupo dos 13, de colegas da turma 2023, do PROFHISTÓRIA, pelo afeto e leveza.

Agradeço ao professor Augusto Oliveira (indígena Makuxi), pela revisão deste trabalho.

Agradeço as professoras coorientadoras Doutora Maria José dos Santos e Doutora Alessandra Rufino Santos, pelas leituras críticas e dicas de aprimoramentos da dissertação.

Agradeço, especialmente, a minha orientadora, Professora Doutora Mariana Cunha Pereira, pelas escutas paciente e a resiliência de caminhar junto comigo, me guiando, na construção e finalização deste trabalho.

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. (Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho apresenta os caminhos a serem andados para que a aprendizagem histórica da discência do 6º ano aconteça de forma crítica e significativa, tendo como referência a perspectiva intercultural. Assim, é analisada os aspectos teóricos que levam a produção de um material pedagógico de ensino de História, a partir, da experiência de ensino de história e dos documentos pertinentes a legislação brasileira, por conseguinte, a discussão fundamenta-se nas três categorias de análises fundantes do tema: Ensino de História, Aprendizagem e Interculturalidade. A Metodologia se dá por meio de pesquisa documental na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e Documento Curricular de Roraima do Ensino Fundamental – DCRR-EF (2019), documentos que normatizam como deve proceder o ensino brasileiro e de Roraima. E do livro didático de História, para o 6º ano no qual se desenvolve, elaborado à luz da BNCC, a parte global, que deve ser aprendida por toda a discência brasileira. Portanto, trata-se de uma análise documental e bibliográfica. E por fim o trabalho traz também, um produto, como parte da exigência do curso, sendo este, o Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para o 6º ano do ensino fundamental da rede estadual de Roraima.

Palavras-chave: Ensino de História; Ensino-aprendizagem; Interculturalidade; Caderno de Aprendizagem.

ABSTRACT

This work presents the ways to be followed so that the historical learning of 6th year students happens in a critical and meaningful way, taking the intercultural perspective as a reference. Thus, the theoretical aspects that lead to the production of pedagogical material for History Teaching are analyzed from the experience of teaching History and documents relevant to Brazilian legislation, therefore, the discussion is based on the three categories of founding analyzes theme: History Teaching, Learning and Interculturality. The Methodology is carried out through documentary research of the National Common Curricular Base – BNCC (2018) and Roraima Curricular Document for Elementary Education – DCRR-EF (2019), documents that standardize how Brazilian and Roraima education should proceed. And the History textbook, for the 6th year in which the global part is developed, prepared in light of the BNCC, which must be learned by all Brazilian students. Therefore, this is a documentary and bibliographical analysis. And finally, the work also brings a product, as part of the course requirement, this being the History Teaching Learning Notebook for the 6th year of elementary school in the state education network of Roraima.

Keywords: History Teaching; Teaching-learning; Interculturality; Learning Notebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do Caderno de Subsídio do 6º ano Coema	34
Figura 2. As dez turmas do 6º ano de A-J Coema 2008	39
Figura 3. Capa do Caderno de Subsídio 6º ano CME 2013	40
Figura 4. Planejamento de aula para as turmas do 6º ano CME	41
Figura 5. Planejamento de aula 6º ano CME	43
Figura 6. Turmas do 6º ano CME – 2013	45
Figura 7. Sítio Arqueológico Pedra Pintada RR – suas inscrições rupestres indicam a Antiguidade Histórica da terra de Makunaima	69
Figura 8. Capa do livro O cão e o curumim – de Cristino Wapichana	70
Figura 9. Na comunidade do Barro, região do Surumú, no território Indígena Raposa-Serra-do Sol – município de Pacaraima – Monumentos da panela de barro e da raposa, das origens históricas ancestrais dos povos originários de Roraima	71
Figura 10. Na Comunidade Indígena Maturuca - Raposa-Serra do Sol – representação do mapa de Roraima na cosmovisão dos povos originarios da Terra de Makunaima	74
Figura 11. Movimento Indígena em Roraima – recado da Organização de Professores Indígenas de Roraima – OPIRR	84
Figura 12. Desenho de um ritual xamânico indígena, com maracá, em um muro na Avenida Ene Garcez dos Reis, em Boa Vista, Roraima, do grafiteiro denominado de “Raiz”	85
Figura 13. Desenhado numa parede na Praça do bairro Pricumã – cidade de Boa Vista RR – próximo ao viaduto Peri Cardoso. Xapiri indígena presente, na essência invisível dos olhos do grafiteiro @lu.is.art, 2021	90
Figura 14. V.3.1 Mapa da Amazônia Caribenha	95
Figura 15. Capa do livro Moama – de José Vilela	100
Figura 16. Feixe de varas, simboliza a união dos povos originários de Roraima, na Assembleia docentes indígenas no Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol – Comunidade do Barro – região do Surumu – município de Pacaraima	111
Figura 17. Arquitetura do malocão de convivência na Comunidade Indígena Maturuca – Serra do Sol – Uiramutã	117
Figura 18. Arquitetura do malocão de convivência no Insikiran/UFRR – Boa Vista	118
Figura 19. Mulheres originarias na luta contra a violência nas comunidades indígenas roraimense	124

Figura 20. Praça da Cultura, no Complexo poliesportivo Ayrton Senna da Silva, na Avenida Ene Garcez dos Reis, no Centro da capital Boa Vista, lembra os teatros gregos da Antiguidade	125
Figura 21. Capa do livro eu sou macuxi e outras histórias – de Julie Dorrico	129
Figura 22. Discência dos povos originários de Roraima, dançando Parixara, na formação com docentes das escolas indígenas do território de Alto São Marcos, na comunidade Sorocaima 2 – município de Pacaraima	133
Figura 23. Zona urbana da cidade de Boa Vista – bairro São Vicente – Boa Vista	139
Figura 24. Terra Indígena Raposa/Serra do Sol – região das serras – Uiramutã	140
Figura 25. Na cidade de Boa Vista, em frente à igreja que leva o nome do santo, monumento a São Francisco de Assis	154
Figura 26. Desenho de uma vovó ancestral dos povos originários de Roraima, na igreja memorial da comunidade do Barro, região do Surumu, no território indígena Raposa-Serra-do-Sol – município de Pacaraima	155
Figura 27. Foto do rosto de Jesus	164
Figura 28 Desenho do olhar da menina, em um muro, na Rua Alfredo Cruz, entre a Avenida General Penha Brasil e General Ene Garcez dos Reis, em Boa Vista, Roraima, da grafiteira denominada de “Lais”	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Do Organizador Curricular do 6º ano	57
Quadro 2. Para marcar as aulas letivas no percurso do ano letivo	60
Quadro 3. Do Planejamento de aulas de História 6º ano do Ensino Fundamental	61
Quadro 4. De efetivação do total de hora/aula e cronograma das aulas para o componente de História 6º ano do ensino fundamental, numa média 4h para cada contexto histórico	62
Quadro 5. Cabeçalho	65
Quadro 6. Das temáticas do local para o global do Caderno de Aprendizagem e Ensino de História para a discância do 6º ano do ensino fundamental	65
Quadro 7. Para avaliação das atividades históricas estudadas	66
Quadro 8. Para avaliação personalizada das atividades históricas estudadas equitativamente pela discência	66

LISTA DE SIGLAS

ACO – Antiguidade Clássica Ocidental

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CIRR – Conselho Indígena de Roraima

DCRR – Documento Curricular de Roraima

EF06HI – Ensino Fundamental 6º ano História

GTHIS06 – Grupo de Trabalho de História 6º ano

OMIR – Organização das Mulheres Indígenas de Roraima

OPIRR – Organização de Professores Indígenas de Roraima

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
CAPÍTULO I INTRODUTÓRIO: ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – A DISCUSSÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NA BNCC/DCRR	16
 1.1 O QUE É, ENTÃO, A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM?.....	21
CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DIDÁTICA DA PRODUÇÃO DOS CADERNOS DE APRENDIZAGENS, “SUBSÍDIOS DE ESTUDOS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: 6º ANO”	33
 2.1 CADERNO DE HISTÓRIA COTIDIANA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: 6º ANO - COEMA	34
 2.2 TEMAS ABORDADOS NOS SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ABORDADOS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA “CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS”	37
 2.3 UMA INTRODUÇÃO ETNOHISTÓRICA AMBIENTAL DE RORAIMA – 2008	38
 2.4 CADERNO DE HISTÓRIA COTIDIANA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: 6º ANO – CME.40	
 2.5 TEMAS ABORDADOS NOS SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ABORDADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA “CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS” E “HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA”	41
 2.6 UMA INTRODUÇÃO ETNOHISTÓRICA AMBIENTAL DE RORAIMA – 2013	43
CAPÍTULO III: NARRATIVA DA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO – CADERNO DE APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA PARA A DISCÊNCIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE RORAIMA	47
 3.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE APRENDIZAGEM.....	48
 3.2 A COMPOSIÇÃO DO CADERNO	50
 3.3 O CADERNO	52
TEMÁTICA 1. POVOS ORIGINÁRIOS DE PEDRA PINTADA 300 ANOS ANTES DO PRESENTE	68
TEMÁTICA 2. DA CANOA AO AVIÃO DO RUPESTRE A INTERNET (TUDO MEIO DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES)	77
TEMÁTICA 3. O PRIMEIRO XAMÃ.....	83
TEMÁTICA 4. AOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA	89

TEMÁTICA 5. AS COMPOSIÇÕES DO TERRITÓRIO AMAZÔNIDAS: AS TRÊS DIMENSÕES (CARIBENHA-CIRCUM-RORAIMA, BRASILEIRA E INTERNACIONAL)	94
TEMÁTICA 6. QUE CAMINHOS NOS TROUXERAM PARA A AMÉRICA.....	99
TEMÁTICA 7. DEMIURGOS COSMOLÓGICOS	104
TEMÁTICA 8. POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS.....	110
TEMÁTICA 9. ANTIGUIDADES CLÁSSICAS OCIDENTAIS	116
TEMÁTICA 10. MULHERES-MUNDO-GREGAS	123
TEMÁTICA 11. CIDADE ETERNA.....	128
TEMÁTICA 12. CIDADANIA.....	133
TEMÁTICA 13. IMPÉRIOS MUNDO AFORA	138
TEMÁTICA 14. NEM TODO O MUNDO FOI MEDIEVAL	144
TEMÁTICA 15. UM MAR TRANSCENDENTAL	148
TEMÁTICA 16. NA “ESTÁTICA” SOCIEDADE MEDIEVAL	153
TEMÁTICA 17. DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM	159
TEMÁTICA 18. O CARA DA QUEBRADA	163
TEMÁTICA 19. SER MULHER	167
CONSIDERAÇÕES	172
REFERÊNCIAS	174

APRESENTAÇÃO

Trajetória doidiciente

Assim falou Paulo Freire

Não se nasce se faz professor

Ainda discente no Cento-Oeste

Escolhi e fui me fazendo docente

Era tempo de chumbo

Mas sonho e luta existia

Com a abertura democrática

No Norte cursei Magistério

Logo virei docente rumo a

Sociologia Antropologia

História Regional Avaliação

Mestrado profissional em formação

Aprendendo e ensinando na minha

Trajetória contínua doidiciente

Professor Kuraakîtiye¹.

Sou Benone Costa Filho, retirante² maranhense/roraimado. Técnico em Magistério, pela Escola de Formação de Professores Doutor Tancredo de Almeida Neves, em Curionópolis/Pará; Bacharel em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia, Licenciado em História, Especialista em História Regional, pela Universidade Federal de Roraima, Especialista em Avaliação e Estatísticas Educacionais, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais;

¹ Kuraakîtiye, meu nome indígena, na Língua Makuxi.

² E filho de retirantes do sertão cearense e da baixada maranhense. Rumamos do Maranhão (1969) para Araguaína Goiás depois (1988) Tocantins. Logo depois (1981) fomos para Curionópolis Pará. E por fim (1991) viemos para Boa Vista Roraima, onde permanecemos até o presente momento.

Professor (alegre e esperançoso) da Educação Básica da Rede Pública Estadual de Ensino de Roraima, desde 1991³.

Com relação à pesquisa e produção do Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima, tem a ver com o cotidiano que se vive nas escolas públicas, onde estudam os filhos e as filhas do povo, que precisam de meios didáticos para os fins de aprender-saber ler e escrever e contar as histórias globais que ouvem e aprendem nas leituras e escritas nos livros didáticos e outros. Nesse sentido, para além disso, histórias globais, necessitam de materiais didáticos históricos locais que possam ser incluídos nessas histórias globais. E com isso perceber, e se perceberem, parte dessa História é contada e aprendida na escola. Assim, no PROFHISTÓRIA, coloquei em prática essa temática, que já desenvolvo no chão da escola, e assim desenvolvida nessa dissertação-produto, requisito fundamental para conclusão do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História.

A dissertação da pesquisa e a produção do caderno de ensino e aprendizagem se dá no formato de texto dissertativo, distribuído em três capítulos.

No primeiro capítulo introdutório: **Ensino-aprendizagem de História na Educação Básica - a discussão do ensino de História na BNCC/DCRR**, faz uma abordagem do que é o Ensino de História, enquanto uma área importante da História, com uma descrição analítica do trabalho do/a historiador/a, como professor/a de história na educação básica, com ênfase no ensino fundamental. Abordando o que é ensino de História, aprendizagem escolar e interculturalidade à luz do que se pronunciam Ana Nadai, Philippe Perrenoud, Paulo Freire, Catarine Walsh, Ana Paula Cerqueira Fernandes, Maxim Repetto, e alguns/algumas autores/as que trabalham com aprendizagem escolar.

No segundo o capítulo: **A história didática da produção dos cadernos de aprendizagens, “Subsídios de estudos de história para o ensino fundamental: 6º ano**, faz uma descrição histórica dos cadernos de aprendizagem produzidos e utilizados por mim, com a discência do 6º ano da educação básica da rede estadual de ensino, ao longo de minha trajetória docente, nos anos letivos em que ministrei aulas de História com a discência do Ensino Fundamental, de acordo com as “Lista de conteúdos da SECDRR, à época” (Roraima, s.d.). Depois substituída pela “Proposta de Rede Estadual de Ensino para o Ensino Fundamental”

³ Conto minha trajetória, inclusive da produção de cadernos de aprendizagem, em COSTA FILHO, Benone. **Quero ser professor, essa foi a minha escolha profissional, seguida da minha trajetória docente na escola pública roraimense.** In: FERNANDES, Maria Luiza. SANTOS, Nonato Gomes dos. (Organizadores). Compartilhando experiências do/no ensino de História: desafios e possibilidades. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

(Roraima, 2009). Agora integralizada no “Documento Curricular Estadual do Ensino Fundamental” (Roraima, 2019) elaborado à luz da BNCC (Brasil, 2018). Organizei de acordo com subtópicos a análise da produção desses cadernos ao mesmo tempo em que interpreto os registros da minha trajetória ensinando história para a discência desta etapa, na escola pública estadual roraimense.

E no terceiro capítulo: **Narrativa da construção do produto – Caderno de Aprendizagem de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima**, produzido com planejamentos de aulas do locais do território de Roraima interliga com a parte global do livro didático do 6º ano utilizado pelas escolas da rede estadual, partindo da contemporaneidade e do cotidiano da docência e discência escolar intercultural roraimense, a partir da contextualização histórica, conforme organização do quadro 9, do planejamento de aulas de História 6º ano do Ensino Fundamental, nas orientações do caderno. Para tanto, se constitui como referências, a BNCC/DDRR-EF. O livro didático de *História.Doc* do 6º ano. Como também, uma diversidade de obras amazônicas, que narram, entre outras, a história ancestral dos povos originários (indígenas), e a chegada dos povos não-indígenas, de Roraima; Amazônia Caribenha; Amazônia Brasileira; Pan-Amazônia; entre outras que referenciam cada um dos 19 contextos históricos abordados no caderno.

CAPÍTULO I INTRODUTÓRIO: ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – a discussão do ensino de História na BNCC/DCRR

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) é um documento normativo que define as aprendizagens essências a serem trabalhadas nas escolas brasileiras de toda a Educação Básica (nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e suas modalidades). Com o objetivo de garantir o direito à aprendizagem significativa e o desenvolvimento pleno de todas e todos estudantes. Nesse sentido, a BNCC é importante para promover a equidade e a igualdade no sistema educacional brasileiro, colaborando para a formação integral e para a construção de uma sociedade, na sua unidade e diversidade, mais justa, democrática e inclusiva.

Ao destacar a discussão sobre a BNCC, com todas as suas lacunas e incompletudes para abranger a educação básica de um país como o Brasil, de dimensões territoriais continentais, com desigualdades históricas, entre elas as educacionais escolares, que precisam ser nomeadas e faladas delas e/ou sobre elas. Assim, com todas as críticas, que são necessárias, a BNCC faz isso, nomeia e apresenta soluções, como também, por não ser currículo, mas, Base Nacional Comum Curricular, abre espaço para sua completude com os currículos estaduais, distrital e municipais, principalmente nos organizadores curriculares.

A exemplo o Componente de História para o Ensino Fundamental, apresenta habilidades globais (nacional), para serem complementadas com as habilidades locais (DF, estados, municípios, escolas) nos currículos desses territórios. Nesse sentido, fazendo buscas⁴ de literaturas do que já foi nomeado e falado sobre a BNCC e o ensino de História, há uma escassez de “produtos” sobre essa temática tão relevante. Entretanto, elenco aqui alguns dos materiais bibliográficos que incidem sobre esse tema, e são recentes à discussão que inclui o ensino de História na BNCC e DCRR-EF.

No artigo a “BNCC e o ensino de História: horizontes possíveis”, de Adriana Soares Ralejo, Rafaela Albergaria Mello e Mariana de Oliveira Amorim, as autoras analisam as discussões que giram em torno da elaboração da BNCC, não para dizer se a Base é boa ou má. Mas, para compreender as arenas de disputas do ensino de História ao longo da construção do

⁴ Com relação a trabalhos voltamos para análise da BNCC e o ensino no componente de História, pelos levantamentos que fiz no banco virtual de dados de Dissertações e Teses da CAPES (<https://catalogodeteses.capes.gov.br>), quando se faz uma busca sobre “produção de trabalho sobre a BNCC e o ensino no componente de História”, aparece “2 resultados para”, mesmo assim, não estão ligados diretamente ao componente de História. Já quando se acrescenta “do 6º ano”, aparece “nenhum resultado encontrado para o termo.”

documento, isso demonstra que produzir currículo é um campo de disputas e poder, entre diversos sujeitos. Porém, o ato de ensinar está nas mãos da docência. Sendo assim, é com esse pensamento que, como docente de História, diante de todos os desafios, numa atitude historiadora, sem fugir do debate, fazer o ensino de História acontecer e a discância aprender.

No livro “BNCC de História nos estados: o futuro do presente” (2021), traz um artigo apresentado em um evento de história em 2020, com título homônimo, e este faz uma análise de conjuntura sobre o tema citando e analisando alguns artigos produzidos no contexto atual. Destaco, também, o artigo intitulado de “Ensino de História: interesse de todos (!): análise da História de Roraima e relações étnico-raciais no documento curricular de Roraima (DCRR, 2018) no qual a autora faz uma análise conjuntural do período em que a BNCC foi aprovada (BNCC, 2018), e também faz uma análise da elaboração e aprovação do Documento Curricular Estadual de Roraima do Ensino Fundamental (2019) e nele, como se organiza o Componente de História do Ensino Fundamental. E os desafios postos no documento que, seja nas suas lacunas, nas suas permanências e mudanças que precisam ser feitas, requer da gente uma atitude historiadora.

Cito também, para efeito de referência o livro didático “*História.Doc*” 6º ano, que faz parte da coleção, do 6º ao 9º ano, (2022) entre os demais livros didáticos de História do PNLD, elaborado à luz da BNCC, com as unidades temáticas, habilidades e objeto do conhecimento, pautados nas 19 habilidades essenciais, a serem ensinadas pela docência e aprendidas pela discância, no percurso do 6º ano da etapa do ensino fundamental.

O livro “Amazônia Caribenha: processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana (2020),” resultado das pesquisas do Professor Reginaldo Gomes de Oliveira, que lidera um grupo de pesquisadores sobre o tema regional amazônico caribenho, cria o conceito de “Amazônia Caribenha”, envolvendo os estados brasileiros de Roraima e Amapá e os países Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, amplia os estudos sobre esses territórios, numa perspectiva decolonial e uma revisão histórica para a região, inclusive para o círculo roraimense, no interior de sua construção historiográfica de visão eurocêntrica. Os estudos liderados por Oliveira, que estuda essa temática no recorte do século XVI ao século XXI deram visibilidade, regional, nacional e internacional, tanto para esse pesquisador macuxi como para essa ilha das Guianas, ou Amazônia Caribenha. Assim, seu livro é referência importante no Documento Curricular de Roraima da Educação Básica, para os estudos da história das paragens territoriais e dos povos interculturais roraimenses.

Desse modo, apresentar esses livros e artigos acima comentados nos ajuda a entender o que é a temática que fomenta este estudo, ou seja, a necessidade de estudar sobre ensino de

História da região amazônica e do estado de Roraima para melhor delimitar o objeto de estudo qual seja, o ensino-aprendizagem da discância do 6º ano no Ensino de História.

Portanto, o presente estudo faz uma análise documental sobre a BNCC e o Documento Curricular de História do Ensino Fundamental – DCRR-EF (Roraima, 2019), quanto as habilidades pertinentes a História do 6º ano (Brasil, 2018), que de forma igualitária contextualiza historicamente as competências⁵ e habilidades⁶ globais, para aprendizagem discente de todo o território brasileiro. Com o objetivo de discutir a aprendizagem discente de Roraima, na perspectiva intercultural, sobre a história local, junto com a parte global, as histórias amazônicas, inclusive, da Amazônia Caribenha, especialmente, roraimenses.

A ideia é que o desenvolvimento desta pesquisa e produção de material didático histórico da história local intercultural de Roraima, facilite o trabalho da docência, nas exigências do ensinar História e a aprendizagem efetiva da discância, mediante a análise documental da BNCC e do DCRR-EF para o 6º ano, elaborado à luz da BNCC, no desenvolvimento da parte global, envolvendo os períodos das Antiguidades e Medieval e de literaturas históricas, quanto à Amazônia, inclusive a Amazônia Caribenha, especialmente a roraimense, para acrescentar a parte local de Roraima com a parte global do Brasil e do mundo na escrita de produção do caderno. No Componente de História para o Ensino Fundamental, o organizador curricular, normatiza, para o 6º ano, 7 competências e 19 habilidades a serem trabalhadas nas 80 horas de aulas, do ano letivo escolar.

De tal modo que, para facilitar o trabalho didático histórico docente com a discância, em sala de aula, para a aprendizagem histórica global⁷ que envolve a BNCC, já vem contextualizada no livro didático, como exemplo, fez-se uso do livro da coleção “*História.Doc*⁸: 6º ano”, elaborado por uma equipe docente composta pelas professoras Sheila Siqueira e Daniela Buono Calainho e os professores Ronaldo Vainfas e Jorge Luiz Ferreira, para responder sobre as questões globais. E para responder sobre as questões da história local intercultural de Roraima, fez-se uso das literaturas que contextualizam historicamente o território, a natureza e os povos roraimenses.

⁵ Conjunto de conhecimentos históricos existentes, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018).

⁶ Mobilização desses conhecimentos históricos a serem aprendidos pela discância, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018).

⁷ De acordo com a BNCC (Brasil, 2018) que deve ser aprendida igualitariamente, por todos os estudantes da educação básica, em todo o território nacional.

⁸ Como todos os livros didáticos de História, seja de qualquer autoria ou editora, a serem usados nas escolas e salas de aulas, pela docência e discância, devem ser elaborados à luz da BNCC. Assim, o livro didático de história do 6º ano, escolhido pela escola, vai conter as mesmas habilidades a serem desenvolvidas para o ensinar docente e o aprender discente.

Pois, na etapa do Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), normatiza que o ensino aprendizagem escolar docente com a discência seja feita por componentes⁹. Assim, o Documento Curricular do Ensino Fundamental de Roraima (2019) elaborado à luz da BNCC, segue essa normativa, da História Local (de Roraima) para a História Global (do mundo):

Dessa forma, o componente curricular de História é concebido como o estudo da experiência humana que busca compreender as diversas formas como homens e mulheres viveram, vivem e pensam suas sociedades, através dos tempos e dos diferentes espaços. No processo histórico, as relações do tempo vivido, valores, problemáticas individuais e coletivas devem ultrapassar a mera contemplação para dar lugar a compreensão de como os fatos e os fenômenos sociais são dinâmicos, resultam de permanências, mudanças ou transformações que são impulsionadas por diferentes sujeitos. (Roraima, 2019, p. 469).

A BNCC também normatiza, por meio das competências gerais da educação básica, específicas do componente de história do ensino fundamental e as habilidades para os 6º anos finais da etapa, a necessidade de:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (Brasil, 2018, p. 16).

Assim, a BNCC destaca que:

No 6º ano, contempla-se uma reflexão sobre a História e suas formas de registro. São recuperados aspectos da aprendizagem do Ensino Fundamental – Anos Iniciais e discutidos procedimentos próprios da História, o registro das primeiras sociedades e a construção da Antiguidade Clássica, com a necessária contraposição com outras sociedades e concepções de mundo. No mesmo ano, avança-se ao período medieval na Europa e às formas de organização social e cultural em partes da África. (Brasil, 2018, p. 417).

Além disso, com relação ao trabalho do(a) historiador(a), na contextualização dos conteúdos, reflexão histórica, formas de registros globais ou locais, formas de organizações dos sujeitos históricos, entre outros, o DCRR-EF destaca que:

O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambos expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico sejam os objetos relacionados a uma dimensão mais “universal” como também, local. (Roraima, 2019, p. 464).

Experiências de natureza educativas que expressam as exigências de habilidades e competências de ensinar-aprender, para apreensão da realidade histórica. Assim, segundo Paulo Freire:

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito a sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as

⁹ Em substituição ao termo *disciplina*.

diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho. (Freire, 1996, p. 68).

De tal modo que, essa nitidez na prática didática histórica ensinada e aprendida no Componente de História do ensino fundamental, por meio das habilidades, sendo adquiridas pelo ensino docente, nas aprendizagens discentes da etapa, possa se efetivar em competências de saberes locais do lugar em que se vive, da interculturalidade de povos, nele existente, de pertencimento e de respeito ao ecossistema do qual é parte, passa pela clareza epistemológica da prática do/a professor/a, medidas importantes, que segundo Jörn Rüsen, quando conseguem vincular:

A eficácia de um processo de aprendizagem histórica importante se sustenta na medida em que consiga vincular a experiência do tempo e a subjetividade dos alunos, relacioná-las uma à outra e articulá-las discursivamente. (Rüsen, 2012, p. 112).

Daí, precisa *conseguir vincular a experiência do tempo* rüsenano, a importância, relevância e viabilidade de trabalhar de maneira didática histórica e pedagogicamente, as habilidades e competências do Componente de História, voltado para uma história do cotidiano dos tempos das Antiguidades, que vai desde o aparecimento da humanidade, até o período Medieval, que abarca as habilidades do organizador curricular do 6º ano da etapa do ensino fundamental. Levando em consideração, a relação subjetiva, de como a discância, que cursa o 6º ano, vincula o tempo e discursa sobre este, no processo de aprendizagem histórica, do local (Roraima) para o global (demais lugares do mundo).

Nesse sentido, a importância da análise da BNCC/DCRR-EF, do componente de História, do livro didático do 6º ano, com as habilidades referente ao 6º ano, das literaturas locais amazônicas, especialmente, Caribenha, inclusive, de Roraima apresentadas no Caderno de Aprendizagem de História para a discância do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima. Para que professor/as e estudantes possam caminhar juntos nas trilhas históricas e perceber as ações humanas ao longo dos tempos antigos e medievais, seus cotidianos, com suas cronologias, sincronias e diacronias de lá para cá, numa leitura histórica reversa, do local para o global, como a BNCC/DCRR-EF normatizam. Para que as competências gerais, as competências específicas e as habilidades do componente de História sejam percebidas, conhecidas, sabidas, tematizadas, interpretadas, interligadas e aplicadas nas suas práticas cotidianas dos sujeitos do 6º ano.

Assim, nesse trabalho docente que do discente não se separa, “... trabalho realizado com gente, miúda, jovens ou adulta, mas gente em permanente processo de busca.” (Freire, 1996, p. 144). No caso aqui, para gente miúda do 6º ano, devam encontrar e se encontrar nessa busca de aprendizagem histórica. É o caminho objetivo a ser trilhado nesta pesquisa e na produção do

Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima, um trabalho importante, para ligar a trilha da aprendizagem da história local, específica do currículo roraimense, pois dispomos de uma extensa bibliografia das nossas paragens, com a história global da BNCC envolvendo (o recorte histórico) as Antiguidades e o período Medieval.

Nesse sentido, a cada um dos contextos históricos, elaborados, a partir das habilidades do organizador curricular do Componente de História, para o 6º ano, espera-se, que essa mudança vá se concretizando. Por meio do recorte histórico que se dá da Antiguidade, da nossa origem humana, até a medievalidade europeia. Que, conforme a BNCC/DCRR-EF, deve ser contada do local em que a discência se encontra, no nosso caso Roraima, para o global, outros lugares do mundo, que entram nessa história, contada nos livros didáticos de História do 6º ano. E para a história local, pela produção de material didático histórico das paragens roraimense, no caderno aqui elaborado. Torna esse trabalho importante¹⁰.

Assim, diante do que já foi exposto, para que a discência do 6º ano possa alcançar uma aprendizagem significativa ao longo do ano letivo e ao final poder ter as competências necessárias que o 6º ano exige e, com essa abertura da BNCC/DCRR-EF de aprendizagem, a partir do local de vivência da discência é de extrema importância o caderno produzido, com as aulas feitas do local para o global, seguindo a orientação do organizador curricular do 6º ano, das literaturas históricas de Roraima, para se organizar as aulas a partir do nosso lugar, nosso território ancestral intercultural, em seguida da parte global, por meio das temáticas, competências, habilidades e objetos de conhecimento do livro didático de História é o caminho viável e que leve a discência ao ato de ser protagonista da aprendizagem dos contextos históricos do 6º ano e aptos a prosseguir os estudos e concluir o ensino fundamental com domínio pleno de leitura, escrita e interpretação histórica que a etapa exige.

1.1 O QUE É, ENTÃO, A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM?

Aprendizagem, numa visão progressista libertadora, não é fazer transferência de conhecimentos, mas, trocas e diálogos, entre quem ensina e quem aprende. Em um processo de mediação de quem ensina com quem aprende, como sujeitos da criação e recriação da aprendizagem ensinada.

¹⁰ Conforme o quadro 6. Das temáticas do local para o global do Caderno de Aprendizagem e Ensino de História para a discência do 6º ano do ensino fundamental.

Nesse sentido, Freire (1987) constrói uma teoria de uma pedagogia de libertação educativa dos oprimidos, que ao longo do processo de criação e recriação da aprendizagem vão tendo consciência dos meios e fins que os oprimem. Assim, constroem, junto com sua aprendizagem histórica do mundo, conceitos práxis para a desopressão, entre outros, por meio da:

Investigação temática, que se dá no domínio do humano e não no das coisas, não pode reduzir-se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isto tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpretação dos problemas. (Freire, 1987, p. 100).

De tal modo que numa construção da teoria de desopressão em espiral do povo, para sua autolibertação, seja revelado como se dá a invasão dos opressores, que nem sempre é só pela violência física, mas, também cultural. Com isso, a ruptura dessa invasão jamais se daria com a matriz antidualógica produzida pelos opressores. Mas com a matriz dialógica feita pelos oprimidos para sua libertação.

Assim, para conter a invasão cultural, suprimir a matriz antidualógica e produzir a matriz dialógica é o que fazer. Pois, enquanto a matriz antidualógica oressora separa os oprimidos e com isso mantém a opressão. A matriz dialógica une os oprimidos e contribui para sua desopressão. Assim, considerando que “A união dos oprimidos é um que fazer que se dá no domínio do humano e não no das coisas.” (Freire, 1987, p. 174). É na dialogicidade referente as coisas, que se dará o entendimento sobre tais. Nesse sentido, a ação cultural, pode estar a serviço tanto da opressão, na matriz antidualógica invasora, que separa; como da desopressão, na matriz dialógica libertadora, que une. Dialeticamente – é preciso escolher um lado. Freire (1996) fica do lado da matriz dialógica desopressora (também meu lado). E da “coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.” (Freire, 1996, p. 103).

Para isso acontecer Freire (1996) discorre sobre a formação docente e as exigências no ato de ensinar a discência, entre outros, é preciso:

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso – é o que se fala do respeito devido à autonomia do ser educando. Do educando criança, jovem ou adulto.” (Freire, 1996, p. 59).

Portanto, a pedagogia, teoria e método freiriano, como se sabe, conduz a um caminho de educação e aprendizagem de que quem ensina também aprende. Nesse sentido, não há um sujeito-objeto, que só ensina ou só aprende. Mas, sujeito-sujeito, que aprendem e ensinam em comunhão, para as suas libertações. Assim, para Paulo Freire:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 1996, p. 23).

Desse modo, a aprendizagem freiriana, se justifica, quando a exigência de ensinar docente se manifesta no aprender discente em comunhão, constituindo a dodiscência – docência-discência – ensinando e aprendendo sobre conhecimentos que já existem, como também, produzindo conhecimentos, ainda não existentes, para que possam existir.

No mesmo sentido, Caimi (2015) aponta que para ensinar História a docência tem que ter domínio do que vai ensinar, ou seja, saber o que vai ensinar. Pois, não há como se ensinar aquilo que não se sabe. E isso não se refere apenas as habilidades referente ao livro didático de História. Que é importante, mas, deve ir adiante e saber História cheia de conhecimentos significativos. Assim:

Todo professor de História, para poder ensinar, deve antes que nada, saber História. Para superar a escola vazia de conhecimentos significativos é necessário que os docentes alcancem um domínio complexo daqueles conteúdos que têm de ensinar, sob pena de se limitarem ao domínio da forma sem conteúdo.” (pp. 112-113).

Anastasiou e Alves (2007), ao se dedicarem à formação docente no ensino superior e organizar estratégias de ensinagem que afetasse o ensino aprendizagem discente, nas aulas da educação básica, por meio de metodologias ativas, enfatizam que:

É nesse contexto que se constrói o trabalho docente e que o professor se vê a frente com a necessidade e o desafio de como organizá-lo. É também nesse contexto relacional que se inserem as estratégias de ensinagem. (Anastasiou e Alves, 2007, p. 75).

Das metodologias ativas, propostas pelas autoras, ensinadas à docência que vai atuar nas escolas da educação básica, principalmente, pela oportunidade de desenvolver estratégias de aulas ativas, com a discência que ensinam. Faz com que o ensino-aprendizagem aconteça com processo de atividades que atenda às necessidades individuais e coletivas de quem ensina com quem aprende, como sujeitos ativos. Portanto, com as metodologias ativas de estratégias de ensinagem, em vez uma abordagem única, pode se fazer abordagens diversas, para o ensino-aprendizagem históricas.

Assim, para Fialho, Xavier e Vasconcelos (2018), ao se tratar de abordagem teórica histórica: “Na realidade, não há uma abordagem teórico-científica no sentido singular, porque, para cada explicações diversas, existe a necessidade da variedade teórica dependendo do lugar de quem observa ou analisa o assunto.” (Fialho, e outros, 2018, p. 24).

A experiência em sala de aula com o ensino de História em Roraima tem demonstrado o quanto se faz necessário que a interculturalidade local esteja presente no quefazer historiográfico. É por isso que este estudo de análise documental e produção do Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima levam em consideração que o ato de aprender escolar da discência do século XXI, deve ser pautado na contemporaneidade e no cotidiano desta,

conforme normatiza a BNCC. Assim, diante dessa abordagem, precisa-se de mudanças no ato de ensinar dos tempos anteriores a BNCC, agora com a vigência legal da mesma. Pois, a BNCC com suas competências, unidades temáticas, habilidades, objeto do conhecimento, entre outros, é um novo paradigma no ato de ensinar docente e de aprender discente da educação escolar básica.

Nesse sentido justifica-se no campo do Ensino de História, como nos lembra Heródoto de Halicarnasso, “mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassesem com o tempo (Heródoto História, 2006, p. 30)” reforçado por Hobsbawm, em entrevista para lançar o livro “A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991” (1997), serve para “lembra o que os outros esquecem”, assim, é um ato que para se objetivar mexe com o subjetivo e cognitivo da discância, no processo de ensino aprendizagem do componente de história, de tal modo, que a avaliação de tudo que for apresentado didaticamente seja feita como forma de perceber se a discância como um todo e individualmente estão conseguindo compreender o estudado. Para tanto, faz-se necessário o diálogo docente-discente, com muito conceito pelo lado do docente, para que os conceitos e procedimentos adotados no cotidiano da sala de aula possam se traduzir em aprendizagem efetiva ao que se propôs estudar no componente de história.

Mudanças que também já foram feitas no Documento Curricular do Componente de História da etapa do Ensino Fundamental DCRR-EF (2019) e suas modalidades. Que trabalham as três etapas da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio interligados rumo a uma educação integral. De tal modo que não dá mais para fazer um trabalho, seja em qualquer etapa, desconectada das demais. Como também não é possível desunir a parte inicial com a final dos componentes.

No estado de Roraima temos um contingente significativo de professores concluindo o curso de História todo ano, dado que são 11 cursos que formam licenciados nas modalidades (EaD: UNIFACS, Anhanguera, Unopar, Estácio, Unisa, UniDBSCO, Cruzeiro do Sul, Unip, Unifran, Presencial: UFRR e UERR), foram 115 em 2023¹¹, que vão atuar diretamente no contexto da educação básica, incluindo aí as modalidades. Entretanto, no chão da escola, com exceções, essa aprendizagem na universidade, quando vão para a prática docente e pouco se reflete no contexto e na realidade da aprendizagem discente, gerando lacunas nos planejamentos, talvez pela fragmentação curricular, entre as aprendizagens essenciais discentes

¹¹ Fonte: Instituto Semesp /Base-INEP.

e a realidade. Que de forma crítica e significativa precisa ser corrigida, principalmente no que tange a história local.

Nesse sentido, fazendo uso das habilidades¹² do organizador curricular do 6º ano, organizados em contextos históricos¹³, tendo como objetivo, a partir do território intercultural roraimense, fazer com que a discência conheça, para que reconheça e saiba de sua história¹⁴ local, juntamente com a história global. Como também, junto com sua leitura de mundo oral, fortalecendo sua leitura de mundo escrita, de forma competente, crítica e significativa.

Para além da Aprendizagem é discutido também mais outras categorias analíticas fundantes desta pesquisa: Ensino de História e Interculturalidade. Nesse sentido, passamos a discussão segundo os autores: Elza Nadai (1986), com a perspectiva do ensino de História decolonial; Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019), com as novas tecelagens dos tempos para o ensino de história; Jörn Rüsen (2012), com os fundamentos e paradigmas para a Aprendizagem didática histórica, para que a discência tenha memória histórica, entenda o presente, a si mesmas, a sua vida prática e se oriente para o futuro; Reginaldo Gomes de Oliveira (2020), com o ensino de História local numa visão intercultural e decolonial. Entre outros/as.

Com relação a Interculturalidade: Catarine Walsh (2019), trabalha com decolonialidade do poder e a visão do outro/a; Ana Paula Cerqueira Fernandes (2023), propõe juntar a pesquisa e o ensino de História, assim, como a interculturalidade; Fabiola Carvalho, Maxim Repetto e Jovina Mafra dos Santos (2018), discorrem sobre Calendário intercultural e à docência indígena; Mariano Báez Landa e Alexandre Ferraz Herbata (2017), apresentam um Debate Epistemológico e político da Educação Indígena e Interculturalidade; Júlio Apinajé (2018), dá a visão indígena simbiótica de interculturalidade.

Nadai (1986) coloca que é da tradição do ensino de história ser mais voltado para os grandes vultos nacionais, como ensino privilegiado, permanece estável ali. Nesse sentido, outras histórias que não estejam nesse rol, ficam de fora, como também suas autorias e seus sujeitos “alternativos” que não venham dessa tradição. Inclusive: “O estudo de História do Brasil iniciava-se no primeiro ano e perdurava até o sexto ano e não era diferente da História Universal.” (Nadai, 1993, p. 148).

¹² Ver quadro 1. Organizador curricular do 6º ano, nas orientações do caderno de aprendizagem.

¹³ Ver quadro 2. Contextos históricos, nas orientações do caderno de aprendizagem.

¹⁴ Aqui as referências com relação aos conceitos: história local e global, são relacionadas as habilidades que se apresentam na BNCC, portanto, estão presentes no livro didático de História, nesse sentido, sendo global. E as locais, acrescentadas no DCRR, assim, ausentes no livro didático, e presentes no caderno de aprendizagem, pois, tem maior interesse para a sociedade local do território roraimense.

A autora se atenta às questões referentes a produção do currículo, materiais de ensino e didáticos, que tratavam como comuns, os diferentes grupos étnicos, brancos, negros, indígenas. E o ensino pautado no colonizador português, em seguida, no migrante vindo da Europa, tratando, os africanos e indígenas, de maneira paritária, com isso, “procurava-se negar a condição de país colonizado bem como as diferenças nas condições de trabalho e de posição face a colonização das diversas etnias.” (Nadai, 1993, p. 149).

Esse ensino de História que valoriza um lado do estado e sua “elite”, com exceções, persiste. Em que as aulas devem se ocupar em ensinar a discência “aprender” sobre grandes personagens como agentes externos únicos, geralmente “brancos”, que fizeram e continuam fazendo a história acontecer. E qualquer outro que tente produzir mudança nessa história “tradicional” para uma mudança “alternativa” é visto como fora dessa ordem, e sua aula de história não tem nada a ver com a História única narrada pela elite e sua visão colonial do estado. Para a autora esse é o conceito de História que jorra dos programas e dos currículos e precisa ser mudado, reelaborado. Não apenas no papel, mas, nas práticas escolares e de sala de aula. Nesse sentido, é preciso mudar a trajetória da história única contatada por agente único. Para outras histórias de agentes plurais, com muitas histórias passadas e presentes originárias, quilombolas, de gênero, entre outras, para além da história europeia do currículo único.

Assim, para a superação da colonialidade europeia de história e agente único que nos tece (Fernandes, 2022) questiona sobre separar ou juntar a pesquisa e o ensino de História, assim, como a interculturalidade. E aponta que devem estar juntas. De tal modo que, já é decolonial sua ideia e prática, que também pratica em sala de aula, inclusive, evolvendo a discência no processo. Sendo a sala de aula ambiente de diversidade de aprendizagem, entre elas, da interculturalidade. Nesse sentido, se sobrepõe a colonialidade do poder, por meio, do poder da decolonialidade, que gera a liberdade docente e discente de fazer outras aulas “alternativas” “com o pensamento descolonizado implica reconhecer tais espaços como lugares de hesitação, mas também de resistência.” (Fernandes, 2022, p. 5).

Albuquerque Júnior (2019) discorrendo sobre a fiação de uma aula de ensino de História, aponta que:

Uma aula de história mobiliza temas, enunciados conceitos pertencentes a distintas formações discursivas, a distintos arquivos. O professor, em sua fala, articula temas enunciados e conceitos que provêm do livro didático, da sua formação universitária, mas também aqueles presentes nos jornais, nos meios de comunicação de massas, nas revistas especializadas ou não, no cinema, nas redes sociais, na Bíblia ou no material impresso de sua denominação religiosa, no senso comum, etc. (Albuquerque Júnior, 2019, p. 270).

Assim, como “tecelão dos tempos”, com a linha posta à docência fia a aula de História com os meios e fins disponíveis do e no momento. E saber e buscar esses meios disponíveis exige conhecimentos docentes, que passam pela formação inicial e continuada no curso de História e em serviço. Para poder tirar proveito tanto dos materiais didáticos que abrange os ensinos de história globais, com também saber e fazer uso de materiais didáticos para ensinos de histórias locais.

Com relação ao ensino de História local, Oliveira (2023) da sociedade pluriétnica da savana (lavrado) interiorana, indígenas (karib e arawak) e não indígenas (portugueses e ingleses), assim, conceitua que essa hibridização entre:

Os povos indígenas e os europeus foram desenvolvendo uma sociedade híbrida, destinadas a dominar as relações socioculturais locais; relações que foram fortalecidas pela cultura do gado no anterior da Guiana sem temer o poder central colonial estabelecido na faixa litorânea. A fronteira interiorana, que deveria separar o lado britânico do lado luso-brasileiro, tornou as savanas do rio Branco (Brasil), afluente do rio Negro, unificadas ao rio Rupununi (Guayana), afluentes do rio Essequibo, sendo reconstruídas em termos de organização sociocultural ou da família. (Oliveira, 2023, p 30).

Assim, suscitando a “Amazônia Caribenha” ou Guiana ou Ilha das Águas, revela o círculo Roraima, fazendo parte de um território maior, que abrange e se unem, Venezuela, República da Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Amapá e Roraima, redescoberta pelo Professor Reginaldo Gomes de Oliveira e traz um novo conceito, outro olhar e novas leituras sobre esse lugar e os povos interculturais, roraimenses e roraimados, temas de estudos do ensino de história local e global, no componente de História do 6º ano do ensino fundamental.

A interculturalidade engloba identidades culturais diversas e se dá pela junção da identidade étnica e cultural, de povos diferentes que vivem em um determinado território, formada a partir da vinculação entre esses povos e suas culturas. Entretanto, esta não acontece de forma total, assim, é preciso observar que atores se envolvam nessa interculturalidade, como também perceber quais são os pontos de concordância, debates e conflitos. Nesse sentido, tendo a concordância como relativa, sendo favorável ao debate e tratando, as questões, como conflito, que podem ser resolvidas. Abre lugar, espaço e diálogo para a interculturalidade.

Para Walsh (2019), no território latino-americano, a interculturalidade envolve “geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonialização e à transformação.” (Walsh, 2019, p. 9). Nesse sentido, contra a colonização, rumando para uma civilização alternativa.

Partindo do movimento indígena no Equador, que a autora concebe como um lugar, que muito mais do que os demais espaços da América Latina, a interculturalidade é um projeto

essencial para abalar tanto o poder da colonialidade como do imperialismo. Rumo a um processo decolonial dos povos indígenas equatorianos. Que deve ir além e abarcar também os afro-equatorianos. Com isso, “firmando as perspectivas indígenas e trabalhando no limite das perspectivas indígenas e não indígenas, alimentando uma ‘interculturalização’”. (Walsh, 2019, p. 30). Que no caso equatoriano, alcança o movimento indígena, mas, falta alcançar os afros equatorianos.

Repetto (2019) ao discutir sobre interculturalidade conceitua o termo como “um campo de disputa e de conflito e que define não somente o que é cultura, mas o que vem a ser a própria humanidade.” (Repetto, 2019, p. 70). E com relação aos povos originários, os debates sobre interculturalidade se referem as políticas públicas educacionais escolares indígenas diferenciadas. Que, grosso modo, para ser “intercultural” precisa ser respeitada, no seu currículo, ensino e práticas, assim, gerando mudanças significativas e liberdade efetiva aos povos indígenas. No entanto, para ser intercultural, estando vinculada a um sistema e rede de ensino, faz-se necessário ser respeitada e aconteça, a partir dos modos e visões de mundo indígenas. Se assim se fizer, a interculturalidade, no ensino aprendizagem das disciplinas indígenas e não indígenas roraimenses, se dará com respeito coletivo.

Apinajé (2018) aponta que “a ‘interculturalidade’ é uma mistura de conhecimentos diversa, mas é apenas uma palavra justificando certas situações ou comparando a concepção de outra população (sociedade civil) para dizer que é dessa maneira e pronto.” (Apinajé, 2018, p. 76).

Para o autor do povo indígena Apinajé e, segundo ele, para outros povos originários do Norte e de outros lugares do Brasil, não é assim, “estão firmemente fortes mostrando sua ciência à sociedade não indígena dita ‘civil ou civilidade’, cuidamos e preservamos o meio ambiente com zelo e não aproveitamos deixando-o degradado e devastado.” (Apinajé, 2018, p. 76). Demonstrando que na visão indígena, interculturalidade envolve lugar, espaço e humanidade preservada. Assim, se na cultura do não indígena, “interculturalidade” é apenas uma palavra e pronto. Na cultura indígena ela nomeia, dá sentido e cuidados para os povos e lugares originários.

Assim, pensar no ensino de História e interculturalidade na aprendizagem escolar é também agir para que haja mudança de mentalidade com relação ao currículo e as formas de como se dá essa prática intercultural. Com isso, não tem como implementar uma educação intercultural, mesmo estando no currículo e nos documentos, sem mudar as aulas “tradicionais” para as aulas “alternativas”, em que as diferenças se estabelecem e se encontram e se reconhecem.

No que se refere a BNCC (2018) com relação a interculturalidade, ao longo do documento, aparece nove vezes, orientando temáticas, desde: a “educação linguística” (Brasil, p. 242), a “valorização das diferenças” (Brasil, p. 356), as “interculturalidades regionais” (Brasil, p. 390), os “modos de viver dos diferentes povos” (Brasil, p. 393), “combater a intolerância, a discriminação e a exclusão” (Brasil, p. 436), “fundamentos éticos de respeito as histórias, memórias, crenças e convicções das alteridades” (Brasil, p. 437) e “combates aos preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, p. 561). Que devem ser considerados nos currículos e em todos e quaisquer materiais didáticos históricos, produzidos para aprendizagem e ensino da discência. É nesse sentido que permeia a produção do caderno, com um ensino de História que reflete na aprendizagem intercultural dos sujeitos indígenas, não indígenas e migrantes que compõe as turmas dos 6º anos das escolas de rede pública estadual de Roraima.

Ralejo, Mello e Amorim (2021) analisam as discussões que giram em torno da elaboração da BNCC, não para dizer se a Base é boa ou má. Mas, para compreender as arenas de disputas do ensino de História ao longo da constituição do Documento. Demonstrando que produzir currículo é um campo de disputas e poder, entre diversos sujeitos. Porém o ato de ensinar História está nas mãos da docência. Portanto:

Destacamos, dentre os diversos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o papel dos professores. É nas mãos deles que o documento também irá ser interpretado e materializado no formato de aulas. Assim, reconheceremos que esses sujeitos possuem uma relação de poder nesse processo, como aqueles que produzem sentidos sobre os conteúdos a serem ensinados, e não somente como reprodutores de prescrições anteriores. (Ralejo, e outras, 2021, p. 10).

Para as autoras, a BNCC está posta normativamente, entretanto, é preciso saber o que dizem dela e o que ela diz, entre outros, sobre ensino de História e como fazer para compartilhar esse ensino, de acordo com a realidade discente, no território em que se encontra. Poder que está nas mãos da docência de História. Que precisa conhecer o documento, como meio de fazer as aulas com sentidos históricos do interesse e com a participação discente, com isso, despertar uma aprendizagem histórica crítica, significativa e libertadora.

Nesses sentidos plurais de explicação histórica e variedades de cosmovisões para o olhar e escritas didáticas, de cada assunto observado e analisado, para tecer a história no seu sentido plural e nas suas explicações diversas. É preciso estar seguro para ver, escrever e ensinar sobre essas realidades diversas das histórias e memórias da educação nos sentidos plurais.

Assim, nesses sentidos plurais, com relação ao território intercultural amazônidas, especialmente, caribenha, inclusive, roraimense, ou global, com relação aos demais tempos e lugares estudados no ensino de História 6º ano, tem uma extensa literatura histórica, que podem nos auxiliar, entre outras, nas respostas de definições e conceitos teóricos, tanto locais como

globais, tais como, as obras, a seguir, que darão respostas para, entre outros, conceitos como, “competência”, “florestania”, “Amazônia Caribenha”, “decolonial”, “memória”, “lugares de falas e escritas”.

Essas respostas das histórias locais e globais para a discância do 6º ano, são feitas à luz a BNCC/DCRR do Ensino Fundamental, via competências habilidades construídas e aprendidas para tal fim.

Assim, Perrenoud (1999), que entre outras, trata de fundamentar e conceituar a construção de competências, uma palavra que gera muita polêmica, nesse sentido, adverte que: “A escola está, portanto, diante de um verdadeiro dilema: para construir competências, esta precisa de tempo, que é parte do tempo necessário para distribuir o conhecimento profundo”. (Perrenoud, 1999, p. 3). E logo em seguida, para um início de conversa, aborda que:

São múltiplos os significados da noção de competência. Eu a definirei aqui como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos. (Perrenoud, 1999, p. 3).

Nesse sentido, “competência”, no âmbito da escola e do ensino-aprendizagem escolar, deve ser pensada didaticamente como uma palavra geradora e espalhadora de conhecimentos profundos. Tais como as unidades temáticas, habilidades e objetos de conhecimentos do componente de História.

Kopenawa e Albert (2015), tratando da relação ancestral que envolve a floresta, seres humanos, não-humanos e os espíritos, apontam que:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol. É tudo que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca. As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que *Omama* deu a nossos ancestrais. Os *xapiri* defendem a floresta desde que ela existe. (Kopenawa, Albert, 2015, p. 480).

Krenak (2022), faz uma análise do que vivemos até aqui e observa que, para “adiar o fim do mundo” é preciso voltar lá no “antigamente” e fazer um outro caminho para um outro mundo possível, inclusive nos conceitos das coisas e das palavras. Nesse sentido, aponta que:

A palavra democracia é bem conhecida. Está prevista na Declaração Universal dos Direitos do Homem e em várias constituições. Faz parte desse repertório digamos branco. Já o enunciado de florestania nasceu num contexto regional, em um momento muito ativo da luta social dos povos que vivem na floresta. (Krenak, 2022, p. 75).

Tanto Kopenawa/Albert quanto Krenak, e demais povos indígenas, atribuem a Chico Mendes espalhar por toda parte essa preocupação dos povos da floresta, que da maneira que estavam/estão sendo atacados e poderiam/podem vir a desaparecer. E para isso não acontecer criam o conceito “florestania”, para nomear esse lugar e seus povos de “antigamente”, como

outro mundo possível de continuar no futuro ancestral. Nesse sentido, esses conceitos precisam ser abordados no ensino de História. E se aprofundar, dentro da realidade de aprendizagem da criançada, buscando, por meio de figuras, textos e questões locais do território roraimense, nomeados e que conhecidos, possam ser reconhecidos e mantidos sustentavelmente no futuro.

Oliveira¹⁵ (2020), numa abordagem da História local intercultural e decolonial, envolvendo o território roraimense, cria e:

Difunde o conceito de Amazônia Caribenha e seus desdobramentos históricos e culturais, como uma única e singular região. Destaca aspectos comuns na história dos estados brasileiros de Roraima e Amapá, como originários da Amazônia Portuguesa durante o processo colonizador português. (Oliveira, 2020, p. 9).

Assim, “Amazônia Caribenha”, abre uma nova página para o ensino de história de Roraima, tendo como ator os povos originários e outro olhar para o território do círculo roraimense, que precisa ser vista e aprendida pela discância do 6º ano do ensino fundamental.

Ribeiro (1995), também destaca que o que vem a ser o povo brasileiro, em vez de se dar em um quadro geral, a história brasileira passa em quadro locais, assim:

A história, na verdade das coisas, se passa no quadro dos locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica. É aí dentro dessas linhas de crenças coparticipadas, de vontades coletivas abruptamente eriçadas, *que as coisas se dão. Essa é a razão por que, em lugar de um quadro geral da história brasileira, compõe esses cenários regionais.*” (Ribeiro, 1995, p. 269).

O autor destaca que no “quadro geral da história brasileira” se dá pelos “quadros locais”. Que precisa, além da recordação e explicação do povo, de visibilidade histórica censitária e de fluxos.

Assim, Aragon (2009) que aborda, inclusive com uso dos censos, as questões das migrações nos países amazônicos, que é muito pertinente para entendimento desses fluxos, principalmente, nesses momentos de intensos movimentos migratórios, que se direciona também para a Amazônia Brasileira. Aponta que:

Os países amazônicos hoje com censos realizados na presente década e permitem sistematizar alguns dados para traçar uma radiografia de migração internacional na Pan-Amazônia e suas peculiaridades em cada Amazônia nacional. Contudo é fundamental esclarecer desde o princípio que essa radiografia será forçosamente parcial, dadas as limitações dos censos em seu conjunto em cada país. (Aragon, 2009, p. 13).

De tal modo que, a questão da migração, do tratamento aos migrantes, os impactos desse processo migratório e quem são os migrantes desejados ou indesejados, no território que abrange desde a Panamazônia, Amazônia Brasileira e Caribenha, inclusive do círculo Roraima,

¹⁵ No Documento Curricular de Roraima de Educação Básica, “Amazônia Caribenha: processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana” do Professor Reginaldo de Oliveira, é o livro básico para direcionar os estudos de História do território roraimense.

merece atenção e registro. Com o objetivo de evitar e xenofobia (medo do estrangeiro) e a aporofobia (desprezo pelos pobres). Assim, precisa ser registrada e fazer parte do ensino de História Intercultural e da aprendizagem discente.

Nesse sentido, para a discência indígena e não indígena (originária, nascida, migrante, ou outra) do circum-Roraima, da Amazônia Caribenha, Brasileira e Internacional e de outros lugares do Brasil e do mundo, inseridos nessas histórias orais imemoriais, que se encontram e se cruzam no território local roraimense, necessitam de registro memorial, para além de aprender sobre, ficarem registradas e serem lembrados, nos anais da história local, às vezes, não contadas nos livros didáticos de História.

Portanto, Montenegro (2003), que trata da história oral e memória lembrada contada e recontada pelo povo, observa que:

O processo de construção ou de produção opera em uma dimensão e que, partindo do real, do acontecido, a memória – como elemento permanente do vivido –, atende a um processo de mudança ou de conservação. A reação ou resultante do impacto da realidade sobre o indivíduo ou o grupo constituirá a marca que o caracteriza. Dessa maneira, a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou o indivíduo, formando todo um imaginário que se constitui em uma referência permanente do futuro. (Montenegro, 2003, pp. 19-20).

Essa observação do autor, sobre o olhar do historiador, para a memória histórica popular invisível, nas histórias oficiais, sendo escutadas oralmente e escritas, gera e marca uma outra visão histórica como referência, no registro produzido, dessas histórias extraoficiais, para o futuro.

CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DIDÁTICA DA PRODUÇÃO DOS CADERNOS DE APRENDIZAGENS, “SUBSÍDIOS DE ESTUDOS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: 6º ANO”

Freire (2006) chama a atenção sobre o planejamento da prática que essa deve acontecer acompanhada de avaliação. Com o objetivo de se ter clareza do que se quer e que deve alcançar com essa prática que se vai atuar e os instrumentos precisos que se dispõe nessa atuação. Nesse sentido, a práxis de sala de aula me fez aprender planejar e avaliar as práticas desenvolvidas com a discância que ensino e os resultados desse ensino na aprendizagem discente efetivada.

Assim, desde que comecei a trabalhar como professor da educação básica na rede pública estadual de ensino de Roraima¹⁶ (1991), durante dois anos letivos (2008, 2013) foi só com estudantes do 6º ano. Em 2008¹⁷, na Escola Estadual Professora Coema Souto Maior Nogueira, para acompanhar a aprendizagem de 10 turmas¹⁸. Que eram formadas por estudantes de várias faixas etárias, desde as turmas em idade-ano adequadas e que seguiam o percurso normal, tanto da idade (11 anos) e ano (6º). Até as turmas fora deste contexto, (variando de 12 a 18 anos de idade) que devido a vários fatores, entre eles, as reprovações consecutivas no percurso escolar. “Ficaram atrasadas”, conforme seus depoimentos. Realidade que foi mudada, no caso da discância fora da faixa etária, que conseguiram aprender e passar de ano e; da discância dentro da faixa etária, que aprenderam e passaram de ano, na idade certa.

Já no caso da discância¹⁹ do Colégio Militar Estadual de Roraima (2013) o trabalho, só com 05 turmas do 6º ano, se deu pelo o ano inicial da criação do colégio. Assim, só tinha turmas deste ano do ensino fundamental. Com as turmas todas na faixa etária idade-ano dentro da regularidade que o 6º ano exige. E toda a discância vinda do 5º ano, nesse sentido, essencial para fazer o diagnóstico do desempenho escolar em leitura e escrita e também começar o ensino de História das Antiguidades e Medieval e realidade histórica local de Roraima pelo começo, coletivamente.

Antes de entrar na apresentação dos passos didáticos históricos pedagógicos do trabalho, específico com as deiscências do 6º ano. Registrar que todas as aulas de História que fiz e

¹⁶ Experiências estas de escrever cadernos anteriores, seja na etapa do ensino fundamental ou médio, e suas modalidades, que contribuíram para a invenção e escrita do caderno aqui produzido.

¹⁷ Nesse mesmo ano, publicamos um capítulo contando a história desses trabalhos desenvolvidos por mim com a discância da escola pública roraimense em COSTA FILHO, Benone. MACÊDO, Inês Rogélia Dantas. **Ensino de História:** um projeto para o ensino fundamental. In: MIBIELLI, Roberto. SANTOS, Herica Maria Castro dos. FERNANDES, Maria Luiza. (Organizadores). Ponto Incomum: práticas pedagógicas e integração na UFRR. Volume 2. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

¹⁸ Ver figura 2. As dez turmas do 6º ano de A-J Coema, 2008.

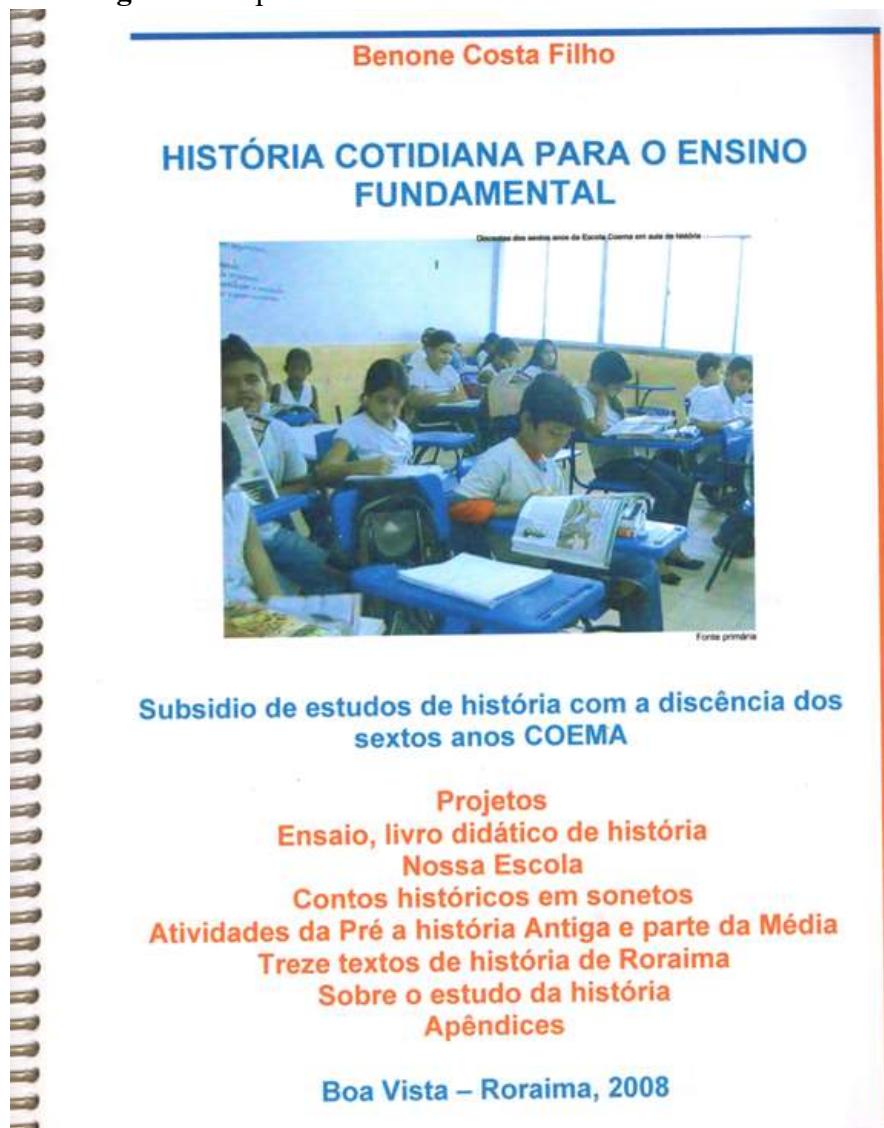
¹⁹ Ver figura 6. Turmas do 6º ano CME – 2013.

continuo, com discentes tantos do ensino fundamental e médio e suas modalidades, eram são organizadas em cadernos de subsídios de ensino e aprendizagem de História. O que facilitou/facilita, tanto o trabalho de ensinar docente como aprendizagem discente. Conforme apresentação dos cadernos de subsídios de estudos de História para o ensino fundamental: 6º ano, como parte do Projeto História Cotidiana para a Educação Básica.

2.1 Caderno de História cotidiana para o ensino fundamental: 6º ano - Coema

Segue o registro do Caderno de História cotidiana para o ensino fundamental (de 2008) para o fazimento das aulas de história com a discência do 6º ano da Escola Estadual Professora Coema Souto Maior Nogueira, Boa Vista – Roraima. Na capa registro fotográfico de uma das turmas desenvolvendo atividades de história.

Figura 1. Capa do Caderno de Subsídio do 6º ano Coema



Para produzir o caderno foram usados como referenciais o livro A importância do ato de ler, de Paulo Freire; o livro didático “Construindo Consciências: 5^a série, dos professores Leonel Itaussu de Almeida Melo e Luís César Amad Costa; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/1996; a Lei 10639/2003 – da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas; Uma outra etnohistória ambiental de Roraima: para o ensino fundamental; Contos Históricos em sonetos, do Professor Benone Costa Filho; e Textos avulsos produzidos que foram acrescentados no caderno.

A história do processo de produção do caderno se deu a partir da discussão e diagnose com a discência da importância do domínio do ato de ler e escrever as histórias escutadas na escola. Nesse sentido, a fala e apresentação do livro de Paulo Freire sobre “A importância do ato de ler (2006)” o que vem escrito e; de escrever sobre a leitura e interpretação desse escrito, pela discência do 6º ano da Escola Coema.

Conforme pode ser observado na capa do caderno, acima, começa pelos projetos desenvolvidos 1) História cotidiana para os 6º anos do ensino fundamental, relacionado ao que a lista de conteúdos da Secretaria de Educação exigia para ensinar a discência, baseada nos capítulos e conteúdo do livro didático e; 2) o projeto Contos históricos em sonetos, para trabalhar a parte da história que não era contemplada no livro didático.

Nesse sentido, com o objetivo da discência saber mais sobre o livro didático, vem um ensaio sobre o livro didático de História da Escola Estadual Coema, *Construindo Consciências*, apresentando as autorias e os capítulos a serem estudados com a discência do 6º ano.

E feito um histórico da biografia da Professora Coema Souto Maior Nogueira, que deu nome próprio a Escola. E as informações da sua criação, localização, meios de comunicação, a quantidade de discentes atendidos, das metas projetadas e observados do IDEB, o quadro de servidores, docência, apoios pedagógicos diversos e gestão.

Sobre a discência do 6º ano atendida com o Projeto História Cotidiana para Ensino fundamental, ao todo 306 discentes (fonte: Secretaria da Escola, 2008), 10 turmas, identificadas por ordem alfabética (A-J), 33 na turma A, 34 na turma B, 32 na turma C, 34 na D, 34 na E, 25 na F (1 incluso), 25 na F (1 incluso), 25 na G (1 incluso), 32 na H, 32 na I, e 25 na J (1 incluso).

Devido à necessidade de fortalecer a leitura e escrita das turmas, os contos históricos em sonetos, contemplando assuntos ausentes no livro didático de História, foram usados, além de saber sobre essas histórias não contadas no livro, a discência dominar o ato de ler e escrever. Nesse sentido 44 sonetos foram lidos, reescritos e discutidos com a discência do 6º anos Coema, conforme relação abaixo:

- Soneto 1: de apresentação;
- Soneto 2: A importância do ato de estudar;
- Soneto 3: Aprendendo com a história;
- Soneto 4: Arqueologia humana;
- Soneto 5: Os dezenove capítulos do livro;
- Soneto 6: diagnóstico da discência;
- Soneto 7: As faces da história;
- Soneto 8: Ao Dia Internacional da mulher;
- Soneto 9: Uniterraumanidade;
- Soneto 10: Abril muitas datas históricas;
- Soneto 11: O sofrimento dos índios I;
- Soneto 12: O sofrimento dos índios II;
- Soneto 13: Ao Dia do Trabalhador;
- Soneto 14: ao Dia das mães;
- Soneto 15: Inversão de valores;
- Soneto 16: Ao ambiente;
- Soneto 17: Ao Dia do ambiente;
- Soneto 18: Os farsantes;
- Soneto 19: A Finlândia ensina;
- Soneto 20: No mesmo dia esquecida;
- Soneto 21: Antropóloga Ruth;
- Soneto 22: BV 118 anos de municipalidade;
- Soneto 23: Ao Estatuto dos pequenos;
- Soneto 24: Aprende estudante brasileiro;
- Soneto 25: Dia do folclore;
- Soneto 26: Joênia Wapixana maná advogada;
- Soneto 27: Ao Ministro;
- Soneto 28: Ao Dia da Amazônia;
- Soneto 29: 7 de setembro Independência do Brasil;
- Soneto 30: Educador do mundo;
- Soneto 31: Com respeito ao trânsito;
- Soneto 32: 5 de outubro Dia do estado de Roraima;

- Soneto 33: Docente;
- Soneto 34: Feira de ciência escolar;
- Soneto 35: Ao ato de votar;
- Soneto 36: Os incubadores da opressão;
- Soneto 37: A República Brasileira;
- Soneto 38: Um pano simbólico;
- Soneto 39: Vocação docente;
- Soneto 40: Meu lugar;
- Soneto 41: 20 de novembro Dia da consciência negra;
- Soneto 42: Direitos humanos universais;
- Soneto 43: Ode a Coema escola;
- Soneto 44: De arremate.

2.2 Temas abordados nos sextos anos do ensino fundamental abordados no livro didático de História “Construindo Consciências”

- Revisão de leituras e escritas por meio de leituras e escritas dos discentes;
- Introdução a história;
- O mais longo capítulo da história;
- O Egito antigo;
- A Mesopotâmia;
- Os fenícios;
- Os hebreus;
- Os persas;
- A Índia antiga;
- A China antiga;
- A Grécia antiga;
- A Grécia clássica;
- O Império de Alexandre e a cultura grega;
- Roma – das origens a crise da república;
- O Império Romano;
- O legado do Império Romano;
- O Império Bizantino;

- O Império Islâmico;
- A Igreja e o Império Carolíngio;
- O sistema feudal.

2.3 Uma introdução etnohistórica ambiental de Roraima – 2008

Para os temas mundiais, de acordo com a Lista de conteúdos de História do Ensino Fundamental, se recorria diretamente ao livro didático. E sobre a história de Roraima, só se tivesse no livro didático. Nesse sentido, para incluir a história de Roraima, recorria aos livros, revistas, jornais, entre outros, conforme as 13 temáticas de textos a seguir, produzidos por mim, sobre: Uma introdução etnohistórica ambiental de Roraima:

- Texto 1: Etnoambiente roraimense;
- Texto 2: Índios da Terra de Makunaima – Roraima;
- Texto 3: Etnias indígenas;
- Texto 4: A resistência indígena;
- Texto 5: Ocupações temporárias;
- Texto 6: Ocupações permanentes;
- Texto 7: Fazendas reais (Nacionais);
- Texto 8: Fazenda Boa Vista;
- Texto 9: De Fazenda a Município de Boa Vista do Rio Branco;
- Texto 10: De Município a Território Federal do Rio Branco (depois Roraima);
- Texto 11: De Território a Estado de Roraima;
- Texto 12: O Estado de Roraima;
- Texto 13: Ocupação recente e ocupação atual;
- Soneto de arremate: treze textos lidos.

Figura 2. As dez turmas do 6º ano de A-J Coema – 2008

Docente Benone Costa Filho 100

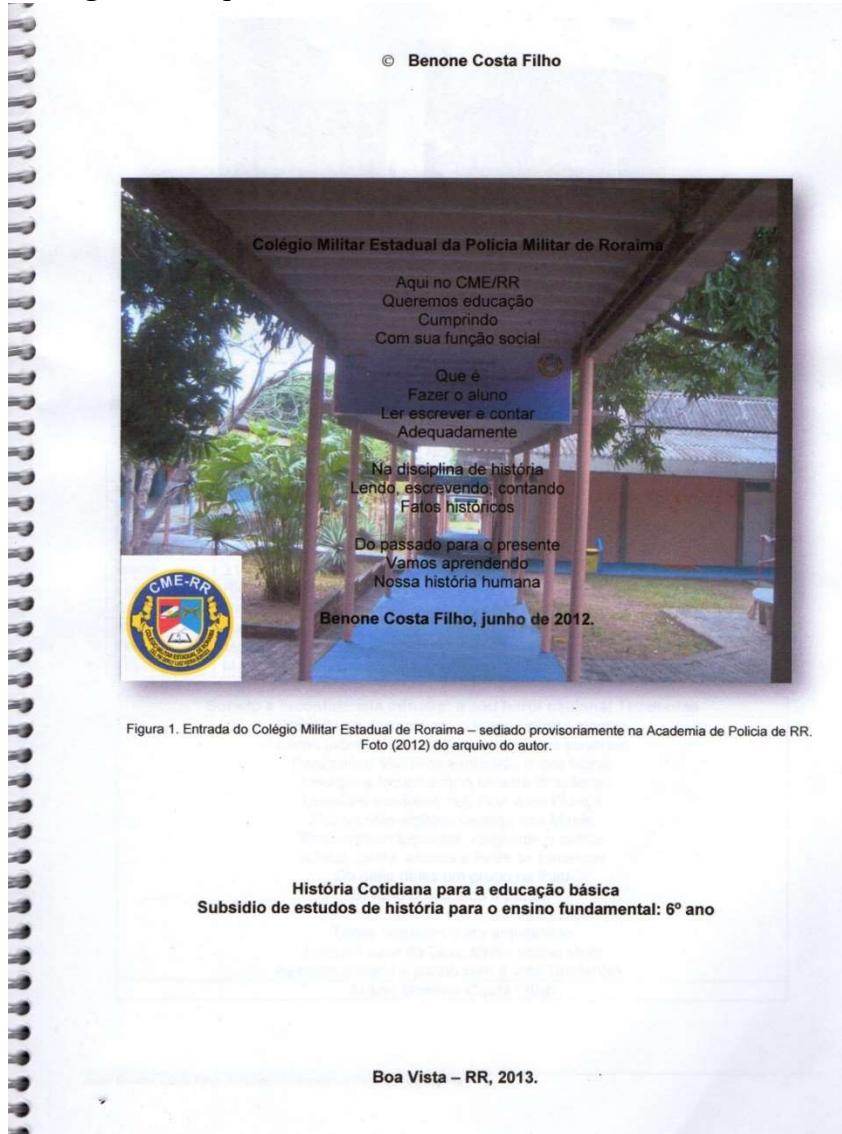
8.5. Ensaio fotográfico das dez turmas dos sextos anos Coema



2.4 Caderno de História cotidiana para o ensino fundamental: 6º ano – CME

Registro do Caderno de História cotidiana para o ensino fundamental (de 2013) para o fazimento das aulas de história com a discência do 6º ano do Colégio Militar Estadual Coronel PM Derly Luiz Borges, Boa Vista – Roraima. Na capa registro fotográfico das dependências do colégio.

Figura 3. Capa do Caderno de Subsídio 6º ano CME 2013



Para produzir o caderno foram usados como referenciais os livros didáticos “Construindo Consciências”, dos professores Leonel Itaussu de Almeida Melo e Luís César Amad Costa; “História e vida integrada”, do professor Nelson Pilletti e outros; a apostila *Outra etnohistória ambiental de Roraima para o ensino fundamental: contadas em imagens e sonetos*; o caderno de contos históricos em sonetos, do Professor Benone Costa Filho; o artigo *Ensino*

de história: um projeto para o ensino fundamental, do professor Benone Costa Filho, da Rede Estadual de Ensino de Roraima e da Professora Inês Rogélia, do Curso de História da UFRR.

A história do processo de produção do caderno se deu após escutas da discência que em sua maioria²⁰ disse que tinha certo domínio de leitura e escrita e alguns com alguma dificuldade, mas, liam e escreviam. Foi elaborada uma atividade histórica, para, por meio de uma ficha de identificação, perceber o domínio de escrita e; da leitura de um soneto a inconfidência mineira: e seu herói nacional avaliar o domínio de leitura escrita das turmas do 6º ano CME; em seguida mais dois sonetos sobre mudança no que fazer discente do 6º ano e; do referencial curricular histórico humano; das atividades de História cotidiana, tais como, concepção de História e tempos históricos; ensino de História na educação básica, ensino fundamental e no 6º ano; um soneto faço história com/ciência, para reflexão coletiva, do papel da História e a função do historiador(a); em seguida partindo de um tema atual, que tenha relação com cada um dos contextos históricos, do livro didático, conforme figura a seguir e descrição dos capítulos abaixo:

Figura 4. Planejamento de aula para as turmas do 6º ano CME

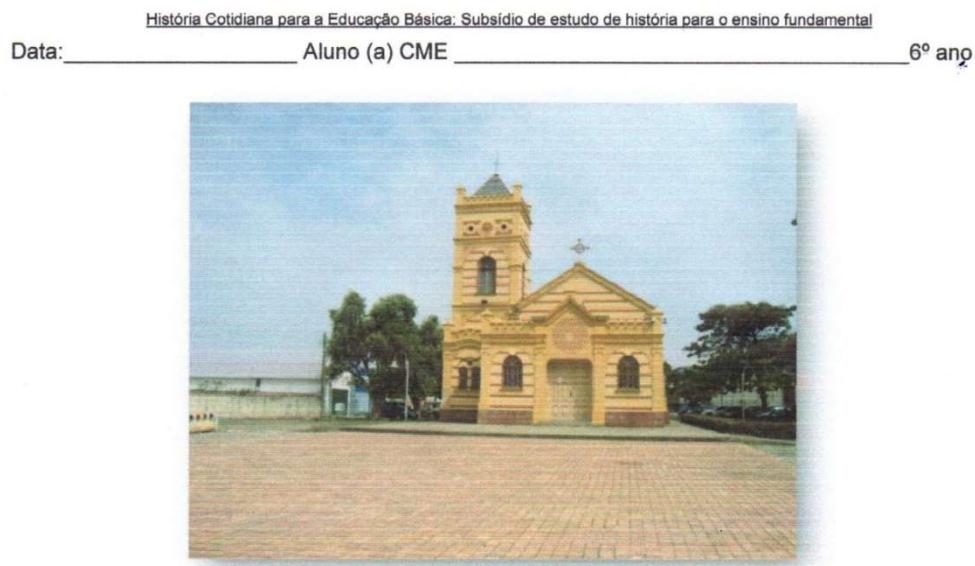


Figura 16. Igreja de Nossa Senhora do Carmo – instituição católica. Foto (2012): do arquivo do autor.

Capítulo 18 – A manutenção da Igreja Católica

2.5 Temas abordados nos sextos anos do ensino fundamental abordados nos livros didáticos de História “Construindo Consciências” e “História e vida integrada”

- Capítulo 1: Conceito e identidade de história estudada na disciplina de História;

²⁰ A entrada no CME ocorre por meio de prova para seleção discente.

- Capítulo 2: O mais longo capítulo da História desde o aparecimento humano à sistemática da escrita no Brasil, na América Latina e no Mundo;
- Capítulo 3: Egito – lugar de origem da humanidade e de civilização;
- Capítulo 4: Mesopotâmia – região entre rios que virou a grande esquina do mundo;
- Capítulo 5: Fenícios – comerciantes criadores do alfabeto;
- Capítulo 6: Os hebreus – o povo do livro, pastores de ovelhas e fundadores do judaísmo;
- Capítulo 7: Os persas – deuses e deus, palácio global, criação da moeda de troca e tolerância;
- Capítulo 8: Índia – criadora – entre outros – dos algarismos que usamos para contar;
- Capítulo 9: Soneto a China Antiga – o filme nenhum a menos – a grande oficina do mundo;
- Capítulo 10: Grécia Antiga – berço da nossa história Ocidental e mãe da democracia;
- Capítulo 11: Soneto Ode à Grécia Clássica – epítome greco-romano;
- Capítulo 12: Artiguinho – O Império de Alexandre impregnado de cultura grega viva no nosso colégio;
- Capítulo 13: Roma – das origens à crise da república;
- Capítulo 14: Soneto ao Império romano – “Daí a Cesar o que de Cesar, e a Deus o que é de Deus.” (Jesus) – uma frase que justifica o poder do Império romano;
- Capítulo 15: Soneto ao legado do Império Romano – nos legou muitos costumes;
- Capítulo 16: ligação entre o mundo ocidental e o mundo oriental – quais;
- Capítulo 17: Maomé – profeta de Alá – o islamismo;
- Capítulo 18: A manutenção da igreja católica;
- Capítulo 19: O mundo feudal – rezadores, combatentes e trabalhadores.

Paralelo ao estudo dos capítulos do livro didático de História do 6º ano, acima, feito a partir da Proposta da Rede Pública Estadual para o Ensino Fundamental (2010), com o bloco de conteúdos numa correlação com âmbito Nacional (Brasil), América Latina e Mundial. Vinha o estudo das realidades locais e o cotidiano de Roraima, trabalhadas a partir da apostila, elaborada por mim, com Uma outra etnohistória ambiental de Roraima para o ensino fundamental: contadas em imagens e sonetos, conforme descrição abaixo e os 12 sonetos a seguir:

Figura 5. Planejamento de aula 6º ano CME



Figura 20. Praça da Cultura no Centro de Boa Vista. Foto (2012) do arquivo do autor.

1. Soneto introdutório: roraimenses

Somos da terra de Makunaima
Somos filhos de Roraima
Os índios os filhos legítimos
Nós filhos da fricção

Os índios aqui já viviam
Quando chegamos aqui
Ocupamos seus lugares
Radicamo-nos

Índio branco africano
Gerou um povo novo
Um mundo novo

Do lugar indígena para todos
Respeitemos o lugar indígena
Que cederam e respeitam o nosso.

Benone Costa Filho BV/RR 2002.

2.6 Uma introdução etnohistórica ambiental de Roraima – 2013

- Soneto 1: Introdutório: roraimenses;
- Soneto 2: Do nome do colégio;
- Soneto 3: O colégio e sua proposta;
- Soneto 4: O etnoambiente makunaimense e a colonização Sebastiana do vale do rio Branco no século XVII;
- Soneto 5: A sujeição dos filhos de Makunaima pelos filhos de Sebastião;
- Soneto 6: A resistência indígena;

- Soneto 7: Redes de conhecimento, técnicas e tecnologias indígenas na estruturação arquitetônica do ambiente comunitário e na elaboração dos lugares de vivência cotidiana;
- Soneto 8: A função e a organização do trabalho no mundo indígena roraimense;
- Soneto 9: a visão indígena roraimense da realização, da divisão e das necessidades supridas pela ação do trabalho;
- Soneto 10: Soneto a visão indígena roraimense da realização, da divisão e das necessidades supridas pela ação do trabalho;
- Soneto 11: A aldeia como lugar de organização política dos povos e das comunidades indígenas de Roraima;
- Soneto 12: O papel político representativo dos conselhos a das lideranças indígenas de Roraima (CIR, SODIUR, entre outros).

Também foram desenvolvidos os projetos

- “Pega e lê” para melhorar a leitura discente;
- Sala de aula possível de sustentabilidade, para manter a sala de aula limpa e calma;
- História da minha vida, contada por cada discente;
- Mosquito listrado pode ser evitado, cuidados para evitar a proliferação da dengue.

Além de poemas referentes as seguintes datas comemorativas:

- Soneto ao Dia internacional da mulher;
- Soneto ao Dia do índio
- Cântico a Tiradentes – Thiago de Mello;
- Soneto ao Dia das mães;
- Poema Dia das mães no CME;
- Poema 13 de maio de 2012;
- Soneto Dia da Polícia Militar;
- Soneto ao Dia do Ambiente;
- Soneto aos 123 anos do município de Boa Vista;
- Hino do município de Boa Vista – Eliakin Rufino;
- Soneto ao estatuto dos pequenos;
- Soneto aprende estudante brasileiro;
- Soneto ao Dia do folclore;

- Soneto ao Dia do soldado;
- Soneto ao Dia da Amazônia;
- Soneto história da festa junina brasileira;
- Soneto ao sete de setembro de 1922;
- Soneto educador do mundo;
- Soneto feliz aniversário estado de Roraima;
- Soneto vocação docente;
- Soneto nasce a República do Brasil;
- Soneto Salve o Dia da Consciência Negra;
- Soneto Parabéns CME;

Figura 6. Turmas do 6º ano CME – 2013

História Cotidiana para a Educação Básica: Subsídio de estudo de história para o ensino fundamental

Ensaio fotográfico com a identificação e os 5 pelotões “A”, “B”, “C”, “D” e “E” que formam as 1ª turmas do 6º ano do Ensino Fundamental (2013) do emergente Colégio Militar Estadual – CME “Coronel PM Derly Luiz Vieira Borges”



Identificação do CME



Pelotão C



Pelotão A



Pelotão D



Pelotão B



Pelotão E

Para mostrar a importância do planejamento e avaliação deste, foi o objetivo da apresentação dos subsídios de aprendizagem para as turmas do 6º ano Coema (2008) e CME (2013). E também para se perceber a chamada de atenção freiriana para esses dois atos: planejamento e avaliação da prática de ensino e aprendizagem efetivadas pela dodiscência. Como também entender como se dá na visão de Freire (2006) o planeamento de longo, médio e curto prazos. E nestes avaliar, avançar, recuar, redirecionar, seguir as reais possibilidades do ato de ensinar docente e aprender discente, via currículo escolar, matriz e organizador curricular. E como se pode perceber, no planejamento para o 6º ano, temos, de longo prazo, plano de ensino da rede e escola; de médio prazo, planejamento anual e; de curto prazo, as aulas para e com a discênciia do 6º ano. Além das permanências e mudanças, seja de longo, médio ou curto prazos.

Nesse sentido, nos cadernos de subsídios aprendizagem Coema para o do CME, a mudança de longo prazo se dá em 2010, currículo do ensino fundamental, com a substituição do planejamento por meio da “Lista de conteúdos”, vigente até então, pela “Proposta da Rede Pública Estadual para o Ensino Fundamental”, elaborada em 2009 e vigente até 2018, substituída pelo Documento Curricular do Ensino para o Ensino Fundamental elaborado a luz da BNCC (2018), vigente de 2019 para cá, como novo paradigma. Ou seja, com mudança de longo, médio e curto prazos. Apresentados na narrativa da construção do produto, Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discênciia do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima, no capítulo III, a seguir.

CAPÍTULO III: NARRATIVA DA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO – CADERNO DE APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA PARA A DISCÊNCIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE RORAIMA

Produto é o resultado de uma invenção para suprir uma necessidade. Nesse sentido, o resultado do produto deste trabalho foi a invenção do Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima, que conta com orientações gerais sobre os procedimentos de como fazer as aulas, pela docência, para a discência, com quadros referentes ao organizador curricular, acompanhamento das aulas, uma janela aberta com um poema sobre o 6º ano, os contextos históricos, de efetivação das aulas, das temáticas das aulas, contextualizados de forma didática para que se possa atender as leituras de mundo e do mundo das crianças que chegam aos anos finais do ensino fundamental numa idade tenra²¹.

O caderno tem o seguinte formato:

- Apresentação;
- Orientações;
- 6º Ano do Ensino Fundamental – anos finais;
- Das 10 Competências Gerais da Educação Básica;
- Das 7 Competências Específicas para o Componente Curricular de História;
- Do Organizador Curricular do 6º ano;
- Quadro para marcar as aulas letivas no percurso do ano letivo;
- Do Planejamento de aulas de História 6º ano do Ensino Fundamental;
- Do quadro de efetivação do total de hora/aula e cronograma das aulas para o componente de História 6º ano do ensino fundamental, numa média 4h para cada contexto histórico;
- Das temáticas do local para o global do Caderno de Aprendizagem e Ensino de História para a discência do 6º ano do ensino fundamental;
- Um poema 6º ano;
- Cabeçalho;
- Do contexto histórico e temáticas em cada aula/temática;

²¹ Principalmente as crianças afetadas pela Pandemia (de Covid-19) que, na cosmovisão de Ailton Krenak (2022), *veio para devastar nossas vidas*. E foi isso que aconteceu, entre outras, com a educação escolar de grande parte das discências locais e globais. Que ficaram sem aprender. Com isso a necessidade de se fazer a recomposição dessas aprendizagens escolares, de leitura, escrita e também de lacunas das competências e habilidades, inclusive do componente de História.

- Poeminha;
- Imagem;
- Você sabe que...;
- Um texto histórico local;
- Dica de leitura de escritores de Roraima;
- Questões históricas para saber mais;
- Sobre as histórias globais, à docência e discência devem usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades, do organizador do Componente de História – 6º ano;
- Avaliação – por meio de rubricas;
- Referências usadas para o desenvolvimento de cada contexto histórico.

3.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE APRENDIZAGEM

A exemplo desses acontecimentos, sinteticamente, segue, da unidade temática 1, “A humanidade entra em cena”, o objeto de conhecimento do capítulo 2, do livro didático do 6º ano *História.Doc*, de Vainfas, Ferreira, Faria e Calainho: “Nossos antepassados na África e na América” (Vainfas, entre outros, pp. 28-46). Assim, para desenvolver esse objeto de conhecimento, dessa temática, foram mobilizadas as habilidades da BNCC/DCRR-EF, EF06HI1²², EF06HI2, EF06HI3, EF06HI4, EF06HI5, EF06HI6, EF06HI7 e EF06HI8, das 19 habilidades específicas do 6º ano. Que para a parte global, se encontram mobilizadas para o desenvolvimento da temática, no livro didático do 6º ano. E a parte local, por exemplo, no estudo do Professor Pedro Augusto Ribeiro Mentiz (1986), junto com outros autores, sobre o “Projeto Arqueológico de Salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil”, publicado na Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas – CEPA – das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

Porém, partiu-se do local (de Roraima) para o global (América, África,), nesse sentido, teve-se que redimensionar o objeto de conhecimento, da temática, no caderno produzido, para “Nossos antepassados em Roraima, na América e na África”. E daí, por meio das literaturas histórica locais, produzir esses contextos históricos²³ desses nossos antepassados roraimenses, lincados com os americanos e africanos, contextualizados no livro didático de História do 6º ano.

²² Código alfanumérico, para Ensino Fundamental, 6º ano, História, habilidade 1, assim por diante.

²³ Ver o contexto histórico I, do caderno.

Freire falando, escrevendo e agindo, sobre a importância do ato de ler (2006) aponta que estudar não é fácil e exige disciplina. Essa análise freiriana se dá devido a atenção que se deve dar a essa tarefa de estudar. Que ao ser feita faz com que o sujeito que estuda crie e recrie, em vez de repetir o que escuta, quando está estudando. Nesse sentido: “Estudar é um dever revolucionário.” (Freire, 2006, p. 59).

Assim, nessa ação necessária e revolucionária que é ato de estudar, a dodiscência juntas, ensinando e aprendendo, o que a docência cria para ensinar. A discência ao aprender, deve, em vez de repetir, criar e recriar o ensinado, gerando com isso, no ensino docente e na aprendizagem discente, leituras revolucionárias.

Nesse ato de “criar” e “recriar” freiriano (1895), são as perguntas do caderno, para que a dodiscência crie e recrie no ato de responder, de tal modo que:

Estou certo, porém, de que é preciso deixar claro, mais uma vez, que a nossa preocupação pela pergunta, em torno da pergunta, não pode ficar apenas no nível da pergunta pela pergunta. O importante, sobretudo, é ligar, sempre que possível, a pergunta e a resposta a ações que foram praticadas ou ações que podem vir a ser praticadas ou refeitas. (Freire, 1985, p. 49).

Assim, pensando na realidade de cada território escolar da rede estadual, os temas dos contextos históricos, seguem com questões, em que, ao serem respondidas pela discência, com a mediação da docência, podem e devem ser criadas e recriadas, sem cometer anacronismos, de acordo com a realidade e a cosmovisão intercultural dodiscente indígena, não-indígena e migrante.

Na mesma direção, Rodrigues (2000) ao tratar da avaliação necessária da aprendizagem escolar, enfatiza que a função desta, é perceber se a discência, em vez de repetir, liga com a realidade cotidiana o que aprendeu na escola. Assim: “Logo é isso que deve ser avaliado.” (Rodrigues, 2000, p. 80).

Rüsen (2012) destaca que as metas de aprendizagem são validas quando possibilitam o envolvimento da formação de uma consciência histórica. Para tal ação faz-se necessário que o ensino de história seja organizado processualmente e as aprendizagens organizadas especificadamente. Assim como as “regras que orientam os processos escolares de aprendizagem histórica.” (Rüsen, 2012, p. 110). Nesse sentido, facilitando o ensino docente e a aprendizagem discente.

Assim, na BNCC: “O ensino de História se justifica na relação do presente com o passado, valorizando o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo, para que ele possa participar ativamente da construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (Brasil, 2018, p. 414).

Para tal ação (Walsh, 2019) destaca a interculturalidade como uma porta a ser aberta aos diferentes, mediante a descolonização e a composição de uma coletividade construída com outra marca de inclusão e equidade entre os diferentes, nesse sentido, tornando-os, iguais. O caderno tem esses objetivos.

3.2 A composição do caderno

Na capa do Caderno de Aprendizagem que propomos há um desenho do Thiago Lopes que representa o Demiurgo Omama do povo originário Yanomami, sustentando o céu para não cair sobre a florestania dos povos indígenas e não-indígenas locais de Roraima e do mundo. Pois, como adverte o xamã Davi Kopenawa Yanomami (2015), essa “queda do céu” afeta todos e todas.

Seguido da apresentação e das orientações de implementação da aprendizagem e ensino de história com a discência do 6º ano. Que como já é de conhecimento da comunidade escolar, envolve as 10 competências da BNCC/DCRR, para toda a educação básica; as 7 competências específicas para o componente curricular de História; o organizador curricular com as unidades temáticas, objeto de conhecimento e as 19 habilidades específicas do 6º ano e; um quadro para marcar as 80h/aulas no percurso do ano letivo.

Acompanha também um planejamento de aulas das 19 habilidades do componente curricular de História do 6º ano, contextualizado historicamente do contexto I a XIX; na sequência, o mesmo quadro, com a distribuição dos contextos históricos por hora/aula ao longo do ano letivo; um cabeçalho para identificação da escola/colégio, professor(a), estudante, ano 6º, município, data, estado de Roraima, bimestre e o contexto a ser estudado; as temáticas do local para o global e; um quadro para avaliação das atividades estudadas; que compõem o caderno.

Com um soneto é aberta a janela do 6º ano e; na sequência as aulas contextualizadas historicamente dos contextos de I a XIX, que conforme o Quadro 4, de cronograma das aulas, cada contexto levará em média, 4h/aulas, para ser efetivado. Em cada contexto tem o Quadro 5, cabeçalho; a descrição do que será estudado no contexto; a temática do local para o global, apresentadas no Quadro 6; Imagens diversas locais do território, povos e outros que vivem/fazem parte das paragens roraimenses; uma questão “Você sabe...”, para a discência escrever e comentar sobre curiosidades históricas; um pequeno texto sobre histórias locais que a discência precisa saber; comentário de onde a história foi tirada; dicas de leituras de escritores de Roraima; Questões para saber mais; indicações das habilidades da BNCC, que devem ser mobilizadas no livro didático da Escola, para trabalhar as histórias globais do 6º ano, por cada contexto; A rubrica de avaliações das atividades, referentes a cada um dos contextos históricos

estudados com e pela discência do 6º ano e; as referências utilizadas para elaboração de cada contexto histórico do caderno, a seguir.

3.3 O CADERNO**PROFESSOR BENONE COSTA FILHO***Thiago Lopes Costa 21.02.2019*

**Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino
Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima**

Roraima**2025**

©Professor Benone Costa Filho, 2025

Desenho da capa *Demiurgo Omama*: do Thiago Lopes Costa, 2019

1. Apresentação

“Não há docência sem discência.” (Paulo Freire).

Este Caderno de Aprendizagem de Ensino de História para a discência do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Roraima, por meio das atividades históricas locais roraimenses, faz um linque com as realidades globais, das habilidades do organizador curricular de História do 6º ano, que devem ser ensinadas pela docência e aprendidas pela discência deste ano da etapa.

Bons estudos com aprendizagens históricas significativas e equitativas coletiva.

O autor

2. ORIENTAÇÕES

Segue as orientações para a implementação do caderno de aprendizagem e ensino de história com a discância do 6º ano do ensino da rede pública estadual de ensino.

2.1 6º Ano do Ensino Fundamental – anos finais

Assim como as 10 competências gerais é para todas as etapas e modalidades da educação básica. As 7 competências específicas é para todos os anos e modalidades da etapa do ensino fundamental. Enquanto que, os organizadores curriculares são para cada ano e modalidade do componente de História da etapa do ensino fundamental, conforme veremos a seguir.

2.2 Das 10 Competências Gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos

humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

2.3 Das 7 Competências Específicas para o Componente Curricular de História

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

3. Quadro 1. Do Organizador Curricular do 6º ano

Formado pelas unidades temáticas, objetos do conhecimento e; as 19 habilidades

ORGANIZADOR CURRICULAR 6º ANO – HISTÓRIA		
Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidades
HISTÓRIA: TEMPO, ESPAÇO E FORMAS DE REGISTROS LOCAIS E GLOBAIS	A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias	(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas). Enfatizando suas tradições, práticas culturais e lutas por reconhecimento.

	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização	<p>(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação do mundo e da origem do ser humano tais como o Criaçãoismo hebreu, histórias indígenas e africanas, entre outros.</p> <p>(EF06HI04) Conhecer as teorias sobre a origem do homem americano do ponto de vista científico assim como as histórias indígenas relacionadas a essa origem.</p> <p>(EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas, especialmente na região Amazônica.</p> <p>(EF06HI06) Identificar geograficamente as rotas de povoamento no território americano, destacando o povoamento do atual estado de Roraima através do Rio Branco.</p>
A INVENÇÃO DO MUNDO CLÁSSICO E O CONTRAPONTO COM OUTRAS SOCIEDADES	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos) Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais	<p>(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades, considerando como ponto de partida as formas de registro dos povos indígenas locais.</p> <p>(EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras, especialmente dos povos indígenas da região Amazônica além da ocupação do espaço territorial do Vale do Rio Branco pelos lusitanos e a criação do município de Boa Vista.</p>

	O Ocidente Clássico: aspectos da cultura na Grécia e em Roma	(EF06HI09) Discutir o conceito de Antiguidade Clássica, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos sobre outras sociedades e culturas.
LÓGICAS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA	As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma Domínios e expansão das culturas grega e romana Significados do conceito de “império” e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados e sociedades linhageiras ou aldeias	<p>(EF06HI10) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais, considerando também o papel das mulheres nessa sociedade.</p> <p>(EF06HI11) Caracterizar o processo de formação da Roma Antiga e suas configurações sociais e políticas nos períodos monárquico e republicano, destacando o papel das mulheres e outros indivíduos nessa formação.</p> <p>(EF06HI12) Associar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas, considerando nessa questão o escravo, mulheres e crianças.</p> <p>(EF06HI13) Conceituar “império” no mundo antigo, com vistas à análise das diferentes formas de equilíbrio e desequilíbrio entre as partes envolvidas.</p>
	A passagem do mundo antigo para o mundo medieval A fragmentação do poder político na Idade Média	(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços, considerando o papel das guerras e disputas territoriais na construção do mundo medieval.
	O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado, observando características de um mundo que já interagia, a partir da ação econômica, naquele período.

TRABALHO E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CULTURAL	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África) Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval	<p>(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos, homens, mulheres e crianças.</p> <p>(EF06HI17) Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo, comparando com as atuais formas de trabalho consideradas análogas à escravidão.</p>
	O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média	<p>(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval, observando como o cristianismo tem se organizado e resistido nos dias atuais.</p>
	O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval	<p>(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais, comparando com a época atual, especialmente com os papéis desempenhados pelas mulheres no Brasil e em Roraima.</p>

Fonte: Documento Curricular de Roraima do Ensino Fundamental, 2019.

4. Quadro 2. Para marcar as aulas letivas no percurso do ano letivo

Marcação de cada hora/aula realizada, nas 80 horas de aulas letivas anuais											
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10		
11	12	13	14	15	16	17	18	19		20	
21	22	23	24	25	26	27	28	29		30	
31	32	33	34	35	36	37	38	39		40	
41	42	43	44	45	46	47	48	49		50	
51	52	53	54	55	56	57	58	59		60	
61	62	63	64	65	66	67	68	69		70	
71	72	73	74	75	76	77	78	79		80	

Fonte: produção do autor.

5. Quadro 3. Do Planejamento de aulas de História 6º ano do Ensino Fundamental

Planejamento de aulas de acordo com as 19 habilidades do componente curricular de História 6º ano do ensino fundamental – contextualizados historicamente do contexto I a XIX

6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTEXTOS HISTÓRICOS
Contexto I: da cronologia histórica envolvendo diferentes comunidades, especialmente as comunidades locais, especialmente indígenas de Roraima, com ênfases nas suas tradições, culturas e lutas por reconhecimentos, relacionados com seus ambientes culturais contemporâneos e suas ligações com o passado rumo ao presente
Contexto II: tipos de registros históricos utilizados ao longo dos tempos para dar ciência das ações históricas humanas, do rupestre a internet
Contexto III: as hipóteses científicas e as narrativas míticas da fundação do mundo e das origens das espécies humanas indígenas, africanas, europeias e demais mundo afora
Contexto IV: das teorias de origens científicas e das histórias indígenas do homem americano.
Contexto V: das modificações da natureza e das paisagens territoriais das diferentes sociedades originárias da Amazônia, dos africanos e as discussões sobre essas transformações ocorridas.
Contexto VI: das rotas terrestres, oceânicas e fluviais dos povoadores do território americano até o vale do rio Branco de Roraima
Contexto VII: dos registros das sociedades americana, africana e do Oriente Médio e os traços de sua oralidade presentes nas suas culturas materiais tomando como ponto de partida os registros dos povos indígenas
Contexto VIII: dos espaços territoriais dos povos originários asteca, maia, inca, indígenas brasileiros, amazônicos do vale do Queceunene e toda a sua cultura, ciência, economia e as ocupações coloniais dos europeus nos territórios do mundo americano ao vale do rio Branco e a criação do município de Boa Vista
Contexto IX: do conceito de antiguidade clássica ocidental e os seus impactos nas outras sociedades e culturas
Contexto X: da formação da Grécia Antiga e a concepção das polis e suas transformações políticas, sociais e culturais e os papéis das mulheres na sociedade grega
Contexto XI: da formação da Roma Antiga nos contextos sociais e políticos dos períodos monárquicos aos republicanos com destaque para o papel das mulheres e demais indivíduos romanos

Contexto XII: dos que é e quantos eram os que faziam parte ou não da cidadania no mundo greco-romano antigos
Contexto XIII dos conceitos e das análises de <i>império</i> no mundo antigo e como eram os diferentes equilíbrios & desequilíbrios entre as partes envolvidas
Contexto XIV: das análises diferenciadas de contatos, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços e o papel das guerras de disputas territoriais na construção do mundo medieval
Contexto XV: dos movimentos de pessoas, produtos e culturas mediterrânicas com características de um <i>mundo</i> interagindo rumo a uma ação econômica presente
Contexto XVI: dos movimentos de abastecimentos, formas e organizações do trabalho vida social e as relações entre senhores e servos, adultos e crianças medievais
Contexto XVII: dos tipos e diferenciações de trabalhos de escravizados, servidão e livre no mundo antigo e suas analogias contemporâneas, inclusive os trabalhos análogos a escravidão.
Contexto XVIII: dos caminhos e descaminhos religiosos culturais cristãos interagindo nos modos de organização sociais desde o período medieval até os tempos atuais
Contexto XIX: dos diferentes papéis sociais e dos movimentos das mulheres no mundo antigo, nas sociedades medievais comparadas com as mulheres contemporâneas, inclusive no Brasil e, especialmente, em Roraima

Fonte: produção do autor.

6. Quadro 4. De efetivação do total de hora/aula e cronograma das aulas para o componente de História 6º ano do ensino fundamental, numa média 4h para cada contexto histórico

Total de aulas	Hora/aula	Cronograma dos contextos históricos de I a XIX – aula de 01-80 horas letivas anual do Componente de História 6º ano Ensino Fundamental Anos Finais
01	1h	Contexto I: da cronologia histórica envolvendo diferentes comunidades, especialmente as comunidades locais, especialmente indígenas de Roraima, com ênfases nas suas tradições, culturas e lutas por reconhecimentos, relacionados com seus ambientes culturais contemporâneos e suas ligações com o passado rumo ao presente
02	1h	
03	1h	
04	1h	
05	1h	Contexto II: tipos de registros históricos utilizados ao longo dos tempos para dar ciência das ações históricas humanas, do rupestre a internet
06	1h	
07	1h	

08	1h	
09	1h	
10	1h	
11	1h	Contexto III: as hipóteses científicas e as narrativas míticas da fundação do mundo e das origens das espécies humanas indígenas, africanas, europeias e demais mundo afora
12	1h	
13	1h	
14	1h	Contexto IV: das teorias de origens científicas e das histórias indígenas do homem americano.
15	1h	
16	1h	
17	1h	Contexto V: das modificações da natureza e das paisagens territoriais das diferentes sociedades originárias da Amazônia, dos africanos e as discussões sobre essas transformações ocorridas.
18	1h	
19	1h	
20	1h	
21	1h	
22	1h	Contexto VI: das rotas terrestres, oceânicas e fluviais dos povoadores do território americano até o vale do rio Branco de Roraima
23	1h	
24	1h	
25	1h	Contexto VII: dos registros das sociedades americana, africana e do Oriente Médio e os traços de sua oralidade presentes nas suas culturas materiais tomando como ponto de partida os registros dos povos indígenas
26	1h	
27	1h	
28	1h	
29	1h	Contexto VIII: dos espaços territoriais dos povos originários asteca, maia, inca, indígenas brasileiros, amazônicos do vale do Queceunene e toda a sua cultura, ciência, economia e as ocupações coloniais dos europeus nos territórios do mundo americano ao vale do rio Branco e a criação do município de Boa Vista
30	1h	
31	1h	
32	1h	
33	1h	
34	1h	
35	1h	Contexto IX: do conceito de antiguidade clássica ocidental e os seus impactos nas outras sociedades e culturas
36	1h	
37	1h	
38	1h	Contexto X: da formação da Grécia Antiga e a concepção das polis e suas transformações políticas, sociais e culturais e os papéis das mulheres na sociedade grega
39	1h	
40	1h	

41	1h	
42	1h	
43	1h	Contexto XI: da formação da Roma Antiga nos contextos sociais e políticos dos períodos monárquicos aos republicanos com destaque para o papel das mulheres e demais indivíduos romanos
44	1h	
45	1h	
46	1h	
47	1h	Contexto XII: dos que é e quantos eram os que faziam parte ou não da cidadania no mundo greco-romano antigos
48	1h	
49	1h	
50	1h	Contexto XIII: dos conceitos e das análises de <i>império</i> no mundo antigo e como eram os diferentes equilíbrios & desequilíbrios entre as partes envolvidas
51	1h	
52	1h	
53	1h	
54	1h	Contexto XIV: das análises diferenciadas de contatos, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços e o papel das guerras de disputas territoriais na construção do mundo medieval
55	1h	
56	1h	
57	1h	
58	1h	Contexto XV: dos movimentos de pessoas, produtos e culturas mediterrânicas com características de um <i>mundo</i> interagindo rumo a uma ação econômica presente
59	1h	
60	1h	
61	1h	
62	1h	
63	1h	Contexto XVI: dos movimentos de abastecimentos, formas e organizações do trabalho vida social e as relações entre senhores e servos, adultos e crianças medievais
64	1h	
65	1h	
66	1h	
67	1h	
68	1h	Contexto XVII: dos tipos e diferenciações de trabalhos de escravizados, servidão e livre no mundo antigo e suas analogias contemporâneas, inclusive os trabalhos análogos a escravidão.
69	1h	
70	1h	
71	1h	
72	1h	
73	1h	

74	1h	Contexto XVIII: dos caminhos e descaminhos religiosos culturais cristãos interagindo nos modos de organização sociais desde o período medieval até os tempos atuais
75	1h	
76	1h	
77	1h	
78	1h	
79	1h	
80	1h	

Fonte: produção do autor.

7. Quadro 5. Cabeçalho

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico	

Fonte: Produção do autor.

8. Quadro 6. Das temáticas do local para o global do Caderno de Aprendizagem e Ensino de História para a discência do 6º ano do ensino fundamental

Contexto histórico I: temática 1 Povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente
Contexto histórico II: temática 2 Da canoa ao avião do rupestre a internet (tudo meio de transportes e comunicações)
Contexto histórico III: temática 3 O primeiro xamã
Contexto histórico IV: temática 4 Aos povos indígenas de Roraima
Contexto histórico V: temática 5 As composições do território amazônidas: as três dimensões (caribenha-circum-Roraima, brasileira e internacional)
Contexto histórico VI: temática 6 Que caminhos nos trouxeram para a América
Contexto VII: temática 7 Demiurgos cosmológicos
Contexto VIII: temática 8 Povos originários das Américas

Contexto IX: temática 9 Antiguidades Clássicas Ocidentais
Contexto X: temática 10 Mulheres-mundo-gregas
Contexto XI: temática 11 Cidade eterna
Contexto XII: temática 12 Cidadania
Contexto XIII: temática 13 Impérios mundo afora
Contexto XIV: temática 14 Nem todo o mundo foi medieval
Contexto XV: temática 15 Um mar transcendental
Contexto XVI: temática 16 Na “estética” sociedade medieval
Contexto XVII: temática 17 Desumanização do homem pelo homem
Contexto XVIII: temática 18 O cara da quebrada
Contexto XIX: temática 19 Ser mulher

Fonte: Produção do autor.

9. Quadro 7. Para avaliação das atividades históricas estudadas

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE:		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha	Realizar leituras	
Você sabe...	Responder o que você sabe	
Indicação e leitura de livro	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Leituras diversas	Ler textos diversos	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto	

Fonte: Produção do autor.

10. Quadro 8. Para avaliação personalizada das atividades históricas estudadas

equitativamente pela discência

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DISCENTE		
Nome do estudante:	6º ano	
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha	Realizar leituras	
Você sabe...	Responder o que você sabe	
Indicação e leitura de livro	Fazer a leitura do livro	
Leituras diversas	Ler textos diversos	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto	

Fonte: Produção do autor.

10. Aberta a janela do 6º ano

No território escolar

Aberta a janela

A discênciā

Indo até ela

Ao olhar dela

Vê a aprendizagem

Que precisa de fato

Saber historiar

Das antiguidades

E medievalidade

De lá para cá aprender

Num olhar

Contemporâneo

Cotidiano atual

Professor Kuraakîtiye.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Do contexto histórico I: da cronologia histórica envolvendo diferentes comunidades, especialmente as comunidades locais, indígenas de Roraima, com ênfases nas suas tradições, culturas e lutas por reconhecimentos, relacionados com seus ambientes culturais contemporâneos e suas ligações com o passado rumo ao presente	

TEMÁTICA 1. POVOS ORIGINÁRIOS DE PEDRA PINTADA 300 ANOS ANTES DO PRESENTE

1.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *sabedoria ancestral* e conversar e escutar as falas discentes; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; incentivar a discância a ler o texto os *Povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente* e fazer relações com o ambiente ancestral roraimense; iniciar a leitura do livro *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; ler com a discância o *Soneto as comunidades indígenas de Roraima* e escutar o que essa tem a dizer sobre os povos originários roraimenses; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

1.2 Sabedoria ancestral

De sua sabedoria ancestral
Temos muito o que aprender
Com os povos indígenas

Professor Kuraakîtiye.

1.3 Figura 7. Sítio Arqueológico Pedra Pintada RR – suas inscrições rupestres indicam a Antiguidade Histórica da terra de Makunaima

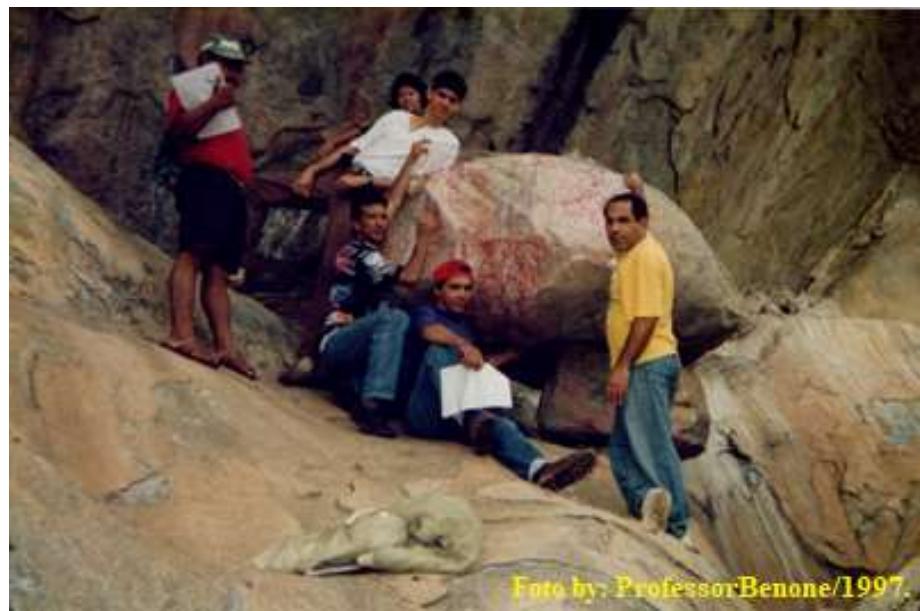


Foto (1997) do arquivo do autor

1.3.1 Você sabe... O que essas pessoas estão fazendo?

1.4 Povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente

“...A explicação sobre as pinturas o fizemos no trabalho referente à etapa anterior: ou foram realizadas pelo grupo pré-ceramista, pelos os primeiros ceramistas ou ainda por ambos que ocuparam a Pedra Pintada e a região. Sobre ambos, pinturas e gravados, outro argumento é não termos obtido dados etno-históricos que descrevam manifestações de arte na área em estudo, relativas entre pinturas e gravados, exceto que são anteriores ao que os dados etno-históricos possam alcançar, isto é, mais de 300 A.P.” (Ribeiro, et al, 1985, p. 57).

1.4.1 Texto extraído da Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Faculdade Integradas de Santa Cruz do Sul que publicou, entre outros, os resultados do Projeto

Arqueológico de Salvamento na Região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil – segunda etapa de campo no ano de 1985.

1.5 Dica de leitura de escritores de Roraima:

1.5.1 *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima.

Figura 8. Capa do livro *O cão e o curumim* – de Cristino Wapichana

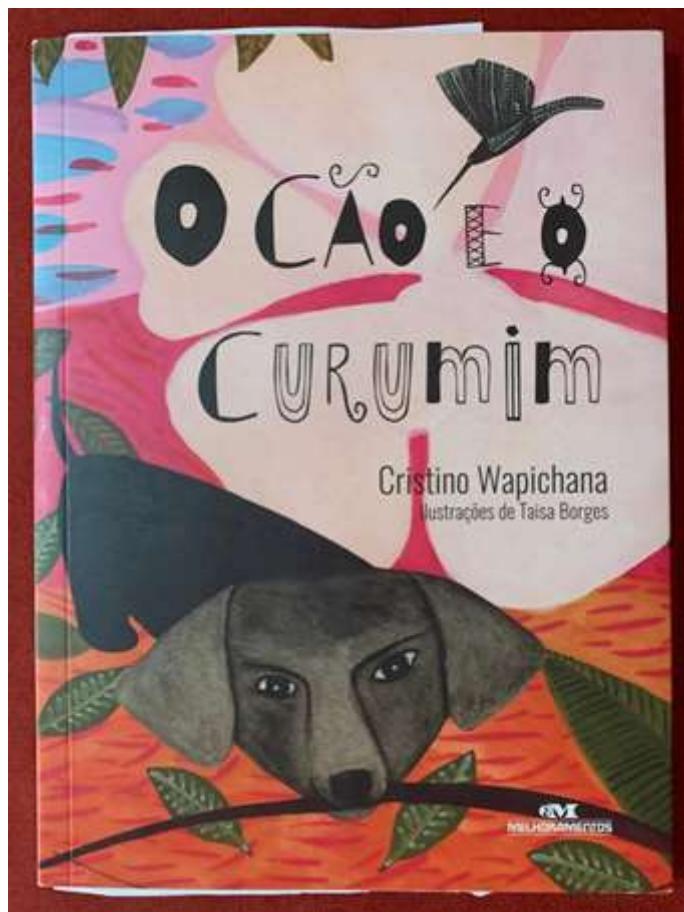


Foto (2024) clique de livro do acervo do autor

Minibiografia:

Cristino Wapichana é do povo indígena wapichana. Nasceu em Boa Vista, Roraima e atualmente mora em São Paulo. É músico, compositor, escritor premiado, contador de histórias e produtor de Encontro de Escritores Indígenas. É membro da Academia de Letras dos Professores da cidade de São Paulo. Publicou cinco livros que conquistaram diversos prêmios, inclusive o Jabuti, e que foram traduzidos para idiomas como o sueco e o dinamarquês.

1.6 Questões para saber mais:

Figura 9. Na comunidade do Barro, região do Surumú, no território Indígena Raposa-Serra-do Sol – município de Pacaraima – Monumentos da panela de barro e da raposa, das origens históricas ancestrais dos povos originários de Roraima



Foto (2024) clique feito pelo autor

Questão 1.6.1 Soneto sociedade roraimense

Somos numa panela de barro makuxi
um caldo de culturas e povos matizados
de povos originários ancestrais
e povos migrados roraimenses roraimados

da Amazônia caribenha círculo Roraima
demais amazônidas brasileira e panamazônia
somos interculturais transculturais indígenas
e não-indígenas na nossa aldeia makunaimense

Que precisa ser cuidada para o céu não cair
é de se fazer uma simbiose da tradição
dos povos indígenas os não-indígenas seguir

ou corremos o risco de sumir como sociedade
indivíduo da natureza que de tão maltratada
nos extinguir e continuar sem nós gentes

Professor Kuraakîtiye.

Questão 1.6.2 No meu registro de nascimento sou pardo, quer dizer, que sou da etnia negra. E no seu registro de nascimento qual é a indicação de sua etnia de origem do povo brasileiro?

Questão 1.6.3 No território roraimense, descritos no *soneto sociedade roraimense*, existe três tipos de adjetivo-pátrios, indígena, roraimense e roraimado. Seu adjetivo-pátrio é qual deles e por quê?

Questão 1.6.4 Músicas Escutar e cantar *Makunaimando*, do trio Roraimeira, para perceber e descrever o que ela tem a nos dizer da cronologia passado-presente na memória histórica roraimense?

Questão 1.6.5 Soneto as comunidades indígenas de Roraima

Eram mais de cem povos cada um com suas línguas
 Que o rolo compressor da colonização foi destruindo
 E eles resistindo estão presentes quatorze povos com
 Suas línguas nas comunidades indígenas de Roraima

Nos quatro pontos cardeais do estado e nos quinze
 Municípios de Roraima vivem filhos de Omama e Makunaima
 Nas terras demarcadas e homologadas para usufruto indígenas
 Yanomami (três) Yekuana Wapixana Makuxi Taurepang Ingarikó

Sapará Patamona Wai-Wai Waimiri-Atroari Pirititi com modos culturais
 Cosmogônicos ancestrais próprios e trocas de saberes culturais
 E cosmológicos modernos da cultura nacional com a sua local

Que precisamos saber deles para respeitá-los assim como
 Os indígenas sabem das nossas culturas e nos respeitam
 Pois originários suas comunidades precisam ser mantidas

Professor Benone Costa Filho.

Figura 10. Na Comunidade Indígena Maturuca – Raposa-Serra do Sol – representação do mapa de Roraima na cosmovisão dos povos originarios da Terra de Makunaima



Foto (2023) clique feito pelo autor – durante formação com a docência indígena da região

Questão 1.6.6 Os territórios indígenas roraimenses se arquitetam de acordo com as identidades interculturais dos povos originários dessas paragens, criadas pelos demiurgos Omama e Makunaima. Quem são esses demiurgos? E como sabemos de suas ações criadoras? Dialogar, inclusive com a discência indígena da escola, do que sabem e o que precisam pesquisar para saber mais sobre esses demiurgos?

Questão 1.6.7 *Xapiri, Parixara e Aleluia* são entidades e místicas religiosas dos povos indígenas de Roraima. Qual a importância de se ter conhecimentos desses entes e rituais? Dialogar, inclusive com a discência indígena da escola, o que sabem e o que precisam pesquisar para saber mais sobre tais?

Questão 1.6.8 Releia o texto povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente e escreva se souber ou pesquise sobre o termo: *mais de 300 A.P.*

1.7 Sobre as histórias globais, à docência e discência devem usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08 e EF06HI015, do organizador do Componente de História – 6º ano.

1.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha sabedoria ancestral	Realizar leituras e fazer discussões, sobre poeminha sabedoria ancestral, e sua importância para entender a interculturalidade local roraimense	
Você sabe...	Responder o que as pessoas da foto estão fazendo	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Leituras de texto	Ler o texto <i>povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto I	

Fonte: Produção do autor.

1.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos.** Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 47ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentiz. Et al. Projeto Arqueológico de Salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil – segunda etapa de campo (1995). In: **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas – CEPA** – Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (APESC) vol. 13, n. 16, 1996.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim.** São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Do contexto histórico II: tipos de registros históricos utilizados ao longo dos tempos para dar ciência das ações históricas humanas, do rupestre a internet	

TEMÁTICA 2. DA CANOA AO AVIÃO DO RUPESTRE A INTERNET (TUDO MEIO DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES)

2.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *registros humanos* e conversar e escutar as falas discentes; com relação ao que *você sabe?* perceber a equidade do que a discância escreveu; incentivar a discância a fazer a diagnose histórica de escrita, do soneto *da Canoa ao avião do rupestre a internet*; continuar a leitura do livro *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; ler com a discância o *Soneto as comunidades indígenas de Roraima* e escutar o que essa tem a dizer sobre os povos originários roraimenses; incentivar a discância a produzir sonetos com suas outodeclarções; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

2.2 Registros humanos

Da pintura mural rupestre
Ao emoji na tela de led
Arte nos moldando

Professor Kuraakîtîye.

2.3 Soneto da Canoa ao avião do rupestre a internet

Da canoa ao avião do rupestre a internet

Alguém desceu da canoa e escreveu na pedra
Do avião enviou a escrita via virtual
Um começou para outro terminar
Dizendo a odisseia vai continuar

Tempos atrás escrevia de caneta
No momento no computador
Tempos atrás ia de canoa
No momento vou de avião

Tempos atrás enviava a escrita
Que ia ao movimento da canoa
Canoa e escrita presentes

No momento escrevo e envio
Ao mesmo tempo chega
Síntese rupestre intemet.

Benone Costa Filho, 2009.

2.3.1 Soneto extraído do Caderno de Aprendizagens de Contos Históricos em Sonetos, produzido pelo Professor Kuraakîtiye, para serem declamados com a discência da educação básica.

2.4 Você sabe.... Que tipo de poema é um soneto?

2.5 Diagnose histórica de escrita, ditar o soneto “*Da canoa ao avião do rupestre a internet*” para perceber as habilidades de escrita da discência.

Título do Soneto: _____

Autor/ano: _____

2.6 Questões para saber mais

Questão 2.6.1 Minha data de nascimento: ____ / ____ / _____. Tenho ____ anos. Sou estado de _____ do município de _____.

Meu nome é _____ meu sobrenome é _____.

Sou filho(a) de _____ e _____.

No meu registro, minha raça-etnia-povo é _____. Como vejo a escola e nela, entre outros, a importância de estudar História, no entendimento significativo da minha identidade?

Questão 2.6.2 O que pode revelar uma urna funerária sobre os povos originários de Roraima?

Questão 2.6.3 Das inscrições rupestres as inscrições contemporâneas indicam a presença da comunicação e expressão humana ao longo dos tempos. Por que temos essa necessidade de nos comunicar e nos expressar?

Questão 2.6.4 No Monumento aos Pioneiros, do Centro Histórico da Cidade Boa Vista, tem comunicação e expressão do contato em Roraima. Como o artista plástico Luiz Canará comunica e expressa esse contato no Monumento? Como os povos indígenas veem o “monumento”?

Questão 2.6.5 Das nossas autodeclarações étnicas raciais, vamos fazer um soneto das nossas identidades e nossas ligações ancestrais e migrantes roraimenses?

Título do Soneto:

Autor/ano:

2.7 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08 e EF06HI15, do organizador do Componente de História – 6º ano.

2.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Soneto da Canoa ao avião do rupestre a internet		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha registros humanos	Fazer comparações dos emoji do celular, etc., com as pinturas dos murais rupestres, inclusive dos sítios arqueológicos de Roraima	
Declamação do soneto da Canoa ao avião do rupestre a internet	Realizar Declamação do soneto	
Você sabe...	Responder que tipo de poema é um soneto	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Ditar o soneto “ <i>Da canoa ao avião do rupestre a internet</i> ”	Fazer o ditado do soneto	
Leitura de soneto	Ler o <i>soneto as comunidades indígenas de Roraima</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Fazer um soneto das nossas identidades e nossas ligações ancestrais e migrantes roraimenses?	Fazer o soneto	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto II	

2.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos**. Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtîye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico III: as hipóteses científicas e as narrativas míticas da fundação do mundo e das origens das espécies humanas indígenas, africanas, europeias e demais mundo afora	

TEMÁTICA 3. O PRIMEIRO XAMÃ

3.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *das espécies* e conversar e escutar as falas discentes; com relação ao que *você sabe?*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência a ler o texto *o primeiro xamã* e fazer relações com as religiosidades ancestrais (e sincretismos) roraimenses; continuar a leitura do livro *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

3.2 Das espécies

Povos originários

Indígenas de Roraima

Omama e Makunaima

Professor Kuraakîtiye.

3.3 Figura 11. Movimento Indígena em Roraima – recado da Organização de Professores Indígenas de Roraima – OPIRR



Foto (2018) clique feito pelo autor.

3.3.1 Você sabe... O que essas pessoas estão fazendo?

3.4 Figura 12. desenho de um ritual xamânico indígena, com maracá, em um muro na Avenida Ene Garcez dos Reis, em Boa Vista, Roraima, do grafiteiro denominado de “Raiz”



Foto (2023) clique de desenho feito pelo autor

3.5 O primeiro xamã

“Foi Omama quem criou a terra e a floresta, o vento que agita as folhas e os rios cuja água bebemos. Nossos maiores nos deram a ouvir seu nome desde sempre. No começo Omama e seu irmão Yoasi vieram à existência sozinhos. Não tiveram pai nem mãe. Antes deles, no primeiro tempo, havia apenas a gente que chamamos de yarori (vir a ser animal). Esses ancestrais eram humanos com o nome de animais e não paravam de se transformar. Assim, foram aos poucos se tornando os animais de caça que hoje flechamos e comemos. Então, foi vez de Omama vir a existir e recriar a floresta, pois a que havia antes era frágil. Virara outra sem parar, até que, finalmente, o céu desabou sobre ela. Seus habitantes foram arremessados para debaixo da terra e se tornaram vorazes ancestrais de dentes afiados a quem chamamos de aõpatari (antigo céu)”. (Kopenawa e Albert, 2015, p. 81).

3.5.1 Texto extraído do livro “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami”. Um manifesto contra a destruição da floresta-povos-originários-amazônicas, que afeta todo mundo.

3.6 Questões para saber mais

Questão 3.6.1 O grafiteiro “Raiz” destaca, no grafite, o maracá. Qual é o simbolismo ancestral, desse instrumento, para os povos originários da floresta de Omama e do lavrado de Makunaima?

Questão 3.6.2 Da leitura sobre o primeiro xama, Omama é o que para os povos Yanomami?

Questão 3.6.3 Nome do demiurgo dos povos Makuxi, que habita o Roraima?

Questão 3.6.4 Demiurgo do povo brasileiro, que se denominam ser cristãos?

Questão 3.6.5 No meu modo particular, como penso ser, a origem do mundo e, inclusive, a minha?

Questão 3.6.6 Lucy (em África) e Luzia (no Brasil) são nossas mães ancestrais?

Sim () ou Não (). Justifique: _____

Questão 3.6.7 Leia o textinho e declame o poeminha orixás e, em seguida, responda:

Textinho: “O orixá comprehende-se como a protomatéria criadora, é a partir de seus efeitos que se desencadeiam toda e qualquer forma de mobilidade criativa.” (Rufino, 2018, p 48).

Orixás

Oxalá meu pai
Iemanjá minha mãe
Sou Erê feliz

Professor Kuraakîtye.

Que conhecimento você tem sobre os orixás das religiões de matriz afro-brasileiras presentes no poeminha?

3.7 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08 e EF06HI15, do organizador do Componente de História – 6º ano.

3.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: O primeiro xamã		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha das espécies	Realizar leituras e fazer discussões, sobre poeminha das espécies, para entender os povos interculturais locais roraimenses	
Leitura do texto primeiro xama e fazer ligação com a ancestralidade indígenas	Realizar leitura	
Você sabe...	Responder o que as pessoas da foto estão fazendo	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Leitura de texto	Ler o texto <i>o primeiro xamã</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto III	

3.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos**. Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakítîye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico IV: das teorias de origens científicas e das histórias indígenas do homem americano	

TEMÁTICA 4. AOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA

4.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *identidades* e conversar e escutar as falas discentes; com relação ao que *você sabe?*, perceber a equidade do que a discância escreveu; continuar a leitura do livro *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; ler com a discância o soneto *aos povos indígenas de Roraima* e escutar o que essa tem a dizer sobre os povos originários roraimenses; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

4.1 Identidades

Originários
Indígenas
Americanos

Professor Kuraakîtiye.

4.2 Figura 13. Desenhado numa parede na Praça do bairro Pricumã – cidade de Boa Vista RR – próximo ao viaduto Peri Cardoso. Xapiri indígena presente, na essência invisível dos olhos do grafiteiro @lu.is.art, 2021



Foto (2024) clique feito pelo autor.

4.2.1 Você sabe... Que mensagem se imagina ao ver essa imagem (do grafiteiro @lu.is.art), pensado nos povos originários presentes?

4.3 Aos povos indígenas de Roraima

Eram centenas de povos vivendo
Nas paragens das margens
Ao interior da bacia do Queceunene
Antes da colonização europeia

Que chegou arrasando tudo
Levando junto os povos
Do território makunaimense
Quase a extinção

Chegaram aos tempos presentes
Mais de uma dezena lutando
Para continuar no seu lugar

Sabendo disso e de ancestrais
Destes ou de afro-brasileiros
Povo brasileiro respeitemos-vos

Professor Kuraakîtiye.

4.4 Questões para saber mais

Questão 4.4.1 Os primeiros habitantes originários de Roraima quem são e de onde vieram?

Questão 4.4.2 Os primeiros habitantes originários do Brasil quem são e de onde vieram?

Questão 4.4.3 Os primeiros habitantes originários da América quem são e de onde vieram?

Questão 4.4.4 Lagoa Santa (MG), São Raimundo Nonato (PI) e Pedra Pintada (RR) são sítios arqueológicos que dão luz à que, na jornada humana rumo ao mundo americano, brasileiro e roraimense, atuais, antes do tempo presente?

Questão 4.4.5 De posse do mapa-múndi, seguindo as teorias de chegada do homem nas amérias, **marque** quais “caminhos” fizeram rumo à América do Sul; América Central e; América do Norte?

4.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08 e EF06HI15, do organizador do Componente de História – 6º ano.

4.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Aos povos indígenas de Roraima		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha identidades	Realizar leituras e fazer discussões, sobre poeminha identidades, para entender os povos originários americanos	
Declamar o soneto aos povos indígenas de Roraima e fazer uma ligação com as identidades entre os povos	Realizar Declamação do soneto e fazer ligações de suas identidades	
Você sabe...	Responder que mensagem se imagina ao ver essa imagem, pensado nos povos originários presentes	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Leitura de soneto	Ler o soneto aos povos indígenas de Roraima	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto IV	

4.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos**. Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico V: das modificações da natureza e das paisagens territoriais das diferentes sociedades originárias da Amazônia, dos africanos e as discussões sobre essas transformações ocorridas	

TEMÁTICA 5. AS COMPOSIÇÕES DO TERRITÓRIO AMAZÔNIDAS: AS TRÊS DIMENSÕES (CARIBENHA-CIRCUM-RORAIMA, BRASILEIRA E INTERNACIONAL)

5.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *lugares e povos amazônidas* e conversar e escutar as falas discentes; com relação ao que *você sabe?*, incentivar a discância, e à docência também, fazer poeminha *amazônidas*; concluir a leitura do livro *O CÃO E O CURUMIM*, de Cristino Wapichana, literatura infanto-juvenil, indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; incentivar a discância a ler o texto *Amazônia Caribenha* e, com o uso de mapas, fazer as atividades solicitadas; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

5.2 Lugares e povos amazônidas

Amazônia ancestrais
Caribenha-circum-Roraima
Brasileira e Panamericana

Professor Kuraakîtîye.

5.2.1 Você sabe... Docente-discente, do título abaixo, criar:

V.2.2 Poeminha amazônicas

Autor(a) _____

5.3 As composições do território amazônidas: as três dimensões:

Figura 14. V.3.1 Mapa da Amazônia Caribenha



Fonte: Oliveira, 2020, p. 40.

5.3.2 Amazônia Caribenha

“São povos indígenas habitantes da Amazônia Caribenha que ultrapassam os limites regulados pelas fronteiras nacionais, estabelecendo intercâmbios por meio de deslocamentos entre os países que ocupam a referida Amazônia do século XXI: Brasil, Venezuela, Guyana, Suriname e Departamento Ultramarino da França (ou França Amazônica).” (Oliveira, 2020, p. 43).

5.3.3 Texto extraído do livro “Amazônia Caribenha: processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana.” Redescoberta pelo Professor Reginaldo Gomes de Oliveira, da UFRR, dá um novo conceito a história intercultural e decolonial dos povos e territórios amazônicas caribenhas.

5.3.4 Território da Amazônia Caribenha – formado pelos estados brasileiros de Roraima e Amapá e os países sul-americanos (parte) da Venezuela, República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Conforme a sobreposição do mapa da América do Sul atual, feita pelos professores pesquisadores Reginaldo Oliveira e Maximiliano Valente.

5.3.5 Território da Amazônia Brasileira – formada pelos sete estados da região Norte – Acre, Amapá, Amazonas²⁴, Para, Rondônia, Roraima e Tocantins; um estado da região Nordeste, Maranhão e; um estado da região Centro-oeste, Mato Grosso (conferir no mapa do território brasileiro e conversar e escutar sobre os conceitos de divisão estadual, regional e a junção territorial amazônica brasileira, representadas neste).

5.3.6 Território da Panamazônia – formada por nove países – por ordem alfabética – Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela (a partir do mapa do território americano, circular a representação da Amazônia Caribenha, seguida da Amazônia Brasileira e por fim da Panamazônia. E questionar sobre as mudanças territoriais interculturais que aconteceram e continuam acontecendo nessas paragens?).

5.4 Questões para saber mais

Questão 5.4.1 Quais as paisagens territoriais do ecossistema Amazônia?

²⁴ No ambiente local amazônico, Manaus, a capital do território amazonense, é uma cidade global, ou seja, interligada a todos os lugares do mundo e também uma aldeia global, com gentes locais e de todo o mundo, estudando, pesquisando, trabalhando, etc., e promovendo feedback, via comunicação e transportes rápidos, entre essas gentes e todos os outros lugares continuamente.

Questão 5.4.2 Quais as sociedades originárias e africanas da Amazônia?

Questão 5.4.3 E os povos da Amazônia Caribenha-circum-Roraima, inclusive migrantes, quem somos?

5.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08 e EF06HI15, do organizador do Componente de História – 6º ano.

5.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: As composições do território amazônidas: as três dimensões		
Atividade	Ação	Situação
Você sabe...	Criar poeminha amazônidas	
Território da Amazônia Caribenha	Reconhecer território regional amazônidas	
Território da Amazônia Brasileira	Reconhecer o território nacional amazônidas	
Território da Panamazônia	Reconhecer o território internacional amazônidas	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Leitura de texto	Ler o texto <i>Amazônia Caribenha</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto V	

5.7 REFERÊNCIAS

- ARAGON, Luiz E. (organizador). **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.
- CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc**. [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.
- COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **Amazonia Caribenha**: processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana. Boa Vista: EDUFFR, 2020.
- RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.
- WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico VI: das rotas terrestres, oceânicas e fluviais dos povoadores do território americano até o vale do rio Branco de Roraima	

TEMÁTICA 6. QUE CAMINHOS NOS TROUXERAM PARA A AMÉRICA

6.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *as rotas de chegadas* e conversar e escutar as falas discentes; iniciar a leitura do livro *MOAMA*, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; ler com a discância o soneto *que caminhos nos trouxeram para a América* e escutar o que essa tem a dizer sobre os povos originários roraimenses, nessa caminhada; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

6.2 As rotas de chegadas

Das encruzilhadas africanas
Por terras e águas chegaram
A ancestralidade Queceunene

Professor Kuraakîtiye.

6.3 Dica de leitura de escritores de Roraima:

6.3.1 MOAMA, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima.

Figura 15. Capa do livro Moama – de José Vilela

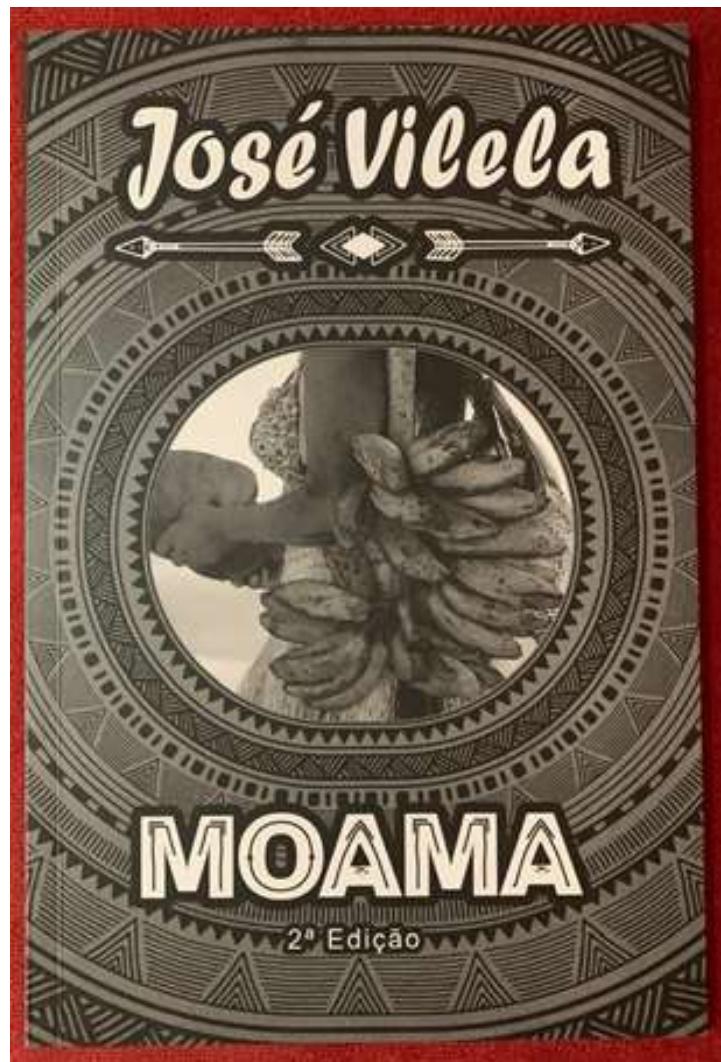


Foto (2024) clique de livro do acervo do autor

Minibiografia:

Eu sou José Vilela de Moraes, nasci no Município de Guairatinga (MT). Sou graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Amazonas. Trabalhei em jornais diários, semanários, revistas e informativos de empresas e de sindicatos de empresas e de sindicatos. Minhas aventuras esporádicas, no campo da literatura, resultam na edição de 14 livros, priorizando temáticas indígenas e causas sociais. Há muitos anos vivo em Boa Vista (Roraima). E-mail para contato: jvm.autor@gmail.com

6.4 Que caminhos nos trouxeram para a América

De uma coisa temos certeza
Nosso lar ancestral é a mãe África
De lá rumamos mundo afora
E povoamos toda a Terra

Nessa odisseia
Migramos rumo a
Ásia Europa Oceania
Alcançamos América

Estreito de Bering América do Norte
Oceanos América Central e do Sul
Rio das Amazonas Roraima

Povos originários ancestrais
Dessa caminhada ao Queceunene
Nossos contemporâneos são

Professor Kuraakîtiye.

6.5 Você sabe... Se orientar pela leitura do soneto, que caminhos nos trouxeram para a América, e descrever como os povos originários fizeram suas rotas para chegar e povoar à Terra de Omama e Makunaima, depois Roraima?

6.6 Questões para saber mais

Questão 6.6.1 Marque a sua autodeclaração () indígena () negro () branco. () outro/a, qual _____ . Em seguida se identifique e responda à questão referente a sua autodeclaração indicada.

Questão 6.6.2 Me declaro indígena, quando e como cheguei em Roraima?

Questão 6.6.3 Me declaro negro, quando e como cheguei em Roraima?

Questão 6.6.4 Me declaro branco, quando e como cheguei em Roraima?

Questão 6.6.5 Me declaro outro/a _____ , quando e como cheguei em Roraima?

Questão 6.6.6 Pelas as autodeclarações discentes dá para saber a quantidade de indígenas, negros, brancos, outros, que forma as turmas do 6º ano autodeclaradas. Fazer o processo e representar em gráfico, é possível?

6.7 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI15, do organizador do Componente de História – 6º ano.

6.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Que caminhos nos trouxeram para a América		
Atividade	Ação	Situação
Declamar o soneto que caminhos nos trouxeram para a América	Declamar o soneto	
Você sabe...	Responder como os povos originários chegaram e povoaram as paragens roraimenses	
Indicação do livro Moama, do José Vilela	Fazer a leitura do livro	
Leitura de soneto	Ler o soneto <i>que caminhos nos trouxeram para a América</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto VI	

6.9 REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.
- CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.
- COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos.** Boa Vista-RR: reprografia, 2009.
- COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.
- RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.
- VILELA, José. **Moama.** Boa Vista: edição do autor, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico VII: dos registros das sociedades americana, africana e do Oriente Médio e os traços de sua oralidade presentes nas suas culturas materiais tomando como ponto de partida os registros dos povos indígenas	

TEMÁTICA 7. DEMIURGOS COSMOLÓGICOS

7.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *lembranças originárias* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *MOAMA*, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; ler com a discência o soneto *demiurgos cosmológicos* e escutar o que essa tem a dizer sobre seres criadores dos povos originários roraimenses, brasileiros, africanos, europeus, entre outros; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; ler os textos *o Watu, nosso avô e o jatobazeiro é o sábio e também o guardião* e fazer relações de simbioses dos povos originários com a natureza; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

7.2 Lembranças originárias

Escutei de minha avó
Disse a criança indígena
Que sou do povo macuxi

Professor Kuraakîtiye.

7.3 Demiurgos cosmológicos

Grã-paragens

Céu-Queceunene

Omama-Makunaima

Assú-sem-males

Pan-paabas-brasis

Trina-americanas

Animistas-seres

Naturais nas coisas

Orixás-africanos

Panteão-europeu

Deidades greco-romanas

Oral-materiais indígenas

Professor Kuraakîtiye.

7.4 Você sabe... O que são demiurgos, tais como Omama, Makunaima, Orixá?

7.5 “*Watu, nosso avô*

*O rio Doce, que nós os Krenak, chamamos de *Watu, nosso avô*, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa).”* (Krenak, 2020, p. 40).

7.5.1 Texto extraído do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” do Líder indígena, imortal da ABL, Ailton Krenak, que pensa, age e escreve de acordo com a oralidade e ancestralidade dos povos originários.

7.5.2 “O jatobazeiro é o sábio e também o guardião

Minha avó continuou a falar daquela velha árvore como se fosse amigas íntimas, de longa data. Disse que aquele jatobá conhecia o tempo das chuvas, do frio e do calor; inclusive o tempo que conduziam as brisas soprad as para aclamar estações.” (Wapichana, 2018, pp. 14-15).

7.5.3 Texto extraído do livro “O cão e o curumim” do escritor indígena Cristino Wapichana, que escreve histórias de suas lembranças de quando era curumim, nos lugares de vivência dos seus povos originários.

7.6 Questões para saber mais

Questão 7.6.1 Tanto no texto de Krenak quanto de Wapichana, o avô e a avó são personagens importantes para os dois escritores. Para você, qual é a importância? E como é a relação com o seu avô e a sua avó?

Questão 7.6.2 Perceber em contos indígenas americanos contemporâneos: presenças e registros de narrativas africanas, oriente central e europeias e descrever esses registros orais?

Questão 7.6.3 Da leitura de *Moama vileiana* como se dá a narrativa e as relações das personagens dentro do romance?

Questão 7.6.4 Como é retratado no livro didático do componente de História da escola os registros dessas narrativas contemporâneas indígenas?

Questão 7.6.5 Sei de alguma narrativa contemporânea indígena e posso contar aqui?

Questão 7.6.6 Os moradores da rua que leva o nome indígena do rio Branco, no bairro 13 de setembro, sabem o motivo do nome desta? E, também, por que o bairro tem esse nome?

Questão 7.6.7 Em um conto posso expressar o que sei ou aprendi até aqui sobre as narrativas dos povos indígenas e suas ligações com narrativas de outros povos africanos e europeus?

Questão 7.6.8 Sei dizer quando se diz *Makunaima* e *Macunaíma*, para o demiurgo das paragens seres e coisas de Roraima e do Brasil?

7.7 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI03, EF06HI05, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI16, EF06HI17, do organizador do Componente de História – 6º ano.

7.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Demiurgos cosmológicos		
Atividade	Ação	Situação
Declamar o soneto Demiurgos cosmológicos	Declamar o soneto	
Você sabe...	Responder o que são demiurgos cosmológicos, como Makunaima e Omama	
Indicação do livro Moama, do José Vilela	Fazer a leitura do livro	
Leitura dos textos Watu, nosso avô e; o jatobazeiro é o sábio e também o guardião	Ler os textos	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto VII	

7.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos**. Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakítîye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

VILELA, José. **Moama**. Boa Vista: edição do autor, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico VIII: dos espaços territoriais dos povos originários asteca, maia, inca, indígenas brasileiros, amazônicos do vale do Queceunene (nome indígena do rio Branco) e toda a sua cultura, ciência, economia e as ocupações coloniais dos europeus nos territórios do mundo americano ao vale do rio Branco e a criação do município de Boa Vista	

TEMÁTICA 8. POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS

8.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *simbiose ancestral* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *MOAMA*, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; ler com a discância o soneto *povos originários das Américas* e escutar o que essa tem a dizer sobre tais, especialmente, se já começam a perceber os povos indígenas do território roraimense; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

8.2 Simbiose ancestral

É da ancestralidade indígena

Viver em harmonia

Com o lugar originário

Professor Kuraakîtiye.

Figura 16. Feixe de varas, simboliza a união dos povos originários de Roraima, na Assembleia docentes indígenas no Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol – Comunidade do Barro – região do Surumu – município de Pacaraima



Foto (2024) clique feito pelo autor – convidado para participar

8.3 Você sabe... Por que e quando, no vale do Queceunene, que virou vale do rio Branco, foi criado o município de Boa Vista?

8.4 Soneto povos originários das Américas

Antes da colonização europeia
Povos asteca viviam no México
Povos maia habitavam a América Central
Povos inca residiam os Andes da América do Sul

Povos originários brasileiros
Viviam em todo o território
Inclusive em toda a Amazônia
Até no Vale do Queceunene

De uma cultura diversa esplêndida local
Que com a cultura global se sincretizou
Presentes na contemporaneidade

Os povos indígenas nos seus territórios
De Roraima Brasil Américas que têm o direito
Em normas internacionais de serem respeitados

Professor Kuraakîtiye.

8.5 Questões para saber mais

Questão 8.5.1 Eram quantos os povos originários brasileiros e roraimenses antes da colonização e quantos são hoje, especialmente no território roraimense?

Questão 8.5.2 O que o livro didático de História da Escola revela sobre os povos originários das Américas?

Questão 8.5.3 Da contemporaneidade mexicana, podemos fazer uma trilha histórica para ligar os astecas atuais ao seus ancestrais passados?

Questão 8.5.4 O que sabemos hoje sobre os povos maia?

Questão 8.5.5 Onde, na América Latina atual, se concentra os povos inca?

Questão 8.5.6 O que diz a Constituição Federal Brasileira de 1988, sobre os povos originários brasileiros, especialmente a Constituição Estadual de Roraima de 1991, sobre os povos originários da Terra de Makunaima?

Questão 8.5.7 O que dizem as normas internacionais sobre o respeito e os direitos dos povos originários das Américas?

Questão 8.5.8 Reveja a **Figura 16. Feixe de varas** (acima), pesquise e descreva: seu simbolismo para o movimento indígena de Roraima?

8.6 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI03, EF06HI05, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI16, EF06HI17, do organizador do Componente de História – 6º ano.

8.7 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Povos originários das Américas		
Atividade	Ação	Situação
Declamar o soneto Povos originários das Américas	Declamar o soneto	
Você sabe...	Responder sobre a criação do município de Boa Vista, no vale do rio Branco	
Indicação do livro Moama, do José Vilela	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto VIII	

8.8 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos.** Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîfye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

VILELA, José. **Moama.** Boa Vista: edição do autor, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico IX: do conceito de antiguidade clássica ocidental e os seus impactos nas outras sociedades e culturas	

TEMÁTICA 9. ANTIGUIDADES CLÁSSICAS OCIDENTAIS

9.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *antiguidade clássica ocidental* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *MOAMA*, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; ler o texto *Macunaíma* e perceber relações com o demiurgo Makunaima dos povos originários de Roraima; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

Figura 17. Arquitetura do malocão de convivência na Comunidade Indígena Maturuca – Serra do Sol – Uiramutã



Foto (2023) clique feito pelo autor

Figura 18. Arquitetura do malocão de convivência no Insikiran/UFRR – Boa Vista



Foto (2024) clique feito pelo autor

9.2 Antiguidade Clássica Ocidental - ACO

Antiguidade surge com as narrativas da escrita
Grafa histórias Ocidentais e Orientais
E no mundo Europeu cai com o Império Romano

Professor Kuraakîtiye.

9.3 Você sabe... Comparar e fazer registro escrito de habitações da arquitetura da cultura originaria roraimense, sincretizadas com arquitetura da antiguidade clássica ocidental?

9.4 “Macunaíma”

No fundo da mata-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a india tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.” (Andrade, 2004, p. 13).

9.4.1 Texto extraído do livro “Macunaíma” de Mario de Andrade, que antropofagia o demiurgo do povo Macuxi em demiurgo do povo brasileiro, a fim de articular uma cultura e uma identidade nacional própria do Brasil, saída de Roraima.

9.5 Questões para saber mais

Questão 9.5.1 Pelos estudos históricos sobre as sociedades ameríndias, descreva exemplos de culturas materiais (pinturas rupestres, etc.,) e imateriais (sabores alimentícios, etc.,) de povos que viviam na Amazônia Brasileira e Caribenha, especialmente no círculo Roraima, nessa ACO, presentes até os dias atuais?

Questão 9.5.2 Da leitura do texto tirado da obra Macunaíma, de Mario de Andrade, como o autor anuncia (p.13) o nascimento de Macunaíma e qual é a diferença para o demiurgo Makunaima?

Questão 9.5.3 Das margens do rio Branco, com seus monumentos presentes no Centro Histórico da cidade, você pode escolher um, fotografar ou desenhar, dar título e elaborar uma narrativa histórica da criação do município de Boa Vista?

Questão 9.5.4 O que o livro didático de História da Escola narra sobre a Antiguidade Clássica Ocidental – ACO – e como ela impacta a cultura de outras sociedades?

Questão 9.5.5 Que sociedades são estas, que são afetadas pela ACO?

Questão 9.5.6 Cronologicamente quando começa e quando termina esse período denominado de **Antiguidade** e; no seu período de vigência quem leva para outros lugares essa **ACO**?

Questão 9.5.7 Como se dá o sincretismo das culturas dessa Antiguidade Clássica Ocidental com outras culturas e desses sincretismos como se moldou em novas arquiteturas culturais emergidas?

9.6 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI03, EF06HI05, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI16, EF06HI17, do organizador do Componente de História – 6º ano.

9.7 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Antiguidade Clássica Ocidental – ACO		
Atividade	Ação	Situação
Você sabe...	Responder sobre as habitações da arquitetura da cultura originaria roraimense, sincretizadas com arquitetura da antiguidade clássica ocidental	
Leitura do texto Macunaíma	Ler o texto	
Indicação do livro Moama, do José Vilela	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto IX	

9.8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 33ª edição. Belo Horizonte: 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc**. [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

VILELA, José. **Moama.** Boa Vista: edição do autor, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico X: da formação da Grécia Antiga e a concepção das polis e suas transformações políticas, sociais e culturais e os papéis das mulheres na sociedade grega	

TEMÁTICA 10. MULHERES-MUNDO-GREGAS

10.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *mundo-mulheres-gregas* e conversar e escutar as falas discentes; concluir a leitura do livro *MOAMA*, de José Vilela, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

10.2 Mundo-Mulheres-Gregas

Os papéis sociais e desafios
Atuais das mulheres de Roraima
Se assemelham com os das gregas antigas

Professor Kuraakîtîye.

Figura 19. Mulheres originárias na luta contra a violência nas comunidades indígenas roraimenses



Print (2024) das redes sociais do Conselho Indígena de Roraima – CIRR

10.3 Você sabe... Fazer uma comparação dos papéis das mulheres indígenas e não indígenas de Roraima com os das mulheres gregas de Atenas?

10.4 Questões para saber mais

Figura 20. Praça da Cultura, no Complexo poliesportivo Ayrton Senna da Silva, na Avenida Ene Garcez dos Reis, no Centro da capital Boa Vista, lembra os anfiteatros (espaços para apresentações ao ar livre) gregos da Antiguidade



Foto (2024) clique feito pelo autor

Questão 10.4.1 O que o livro didático de História da Escola apresenta sobre A Grécia Antiga, sua ética, sua sociedade e suas mulheres?

Questão 10.4.2 O que é polis gregas?

Questão 10.4.3 A palavra política deriva da polis grega, o que é política?

Questão 10.4.4 O que é sociedade e cultura gregas?

Questão 10.3.5 O que é ser mulher livre na Grécia Antiga?

Questão 10.4.6 As meninas na escola hoje, tem a ver com a liberdade das mulheres gregas?

Questão 10.4.7 O que tem a ver a sabedoria grega com as mulheres?

10.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI07, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI17 e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

10.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Mundo-Mulheres-Gregas		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha Mulheres-mundo-gregas	Fazer uma roda de conversa e escutas sobre o que os estudantes da turma têm a dizer sobre os papéis das sociais das estudantes do 6º ano	
Você sabe...	Responder sobre comparações dos papéis das mulheres indígenas e não indígenas de Roraima com os das mulheres gregas de Atenas	
Indicação do livro Moama, do José Vilela	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto X	

10.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

RORAIMA. Conselho Indígena de Roraima – CIR. **Oficina na comunidade Caracanã aborda a violência contra a mulher e combate à bebida alcoólica.** Normandia: CIR, 2023. Disponível em: <https://cir.org.br/.2024/02/23/oficina-na-comunidade-caracana-aborda-violencia-contra-mulher-e-combate-a-bebida-alcolica/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakítîye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

VILELA, José. **Moama.** Boa Vista: edição do autor, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XI: da formação da Roma Antiga nos contextos sociais e políticos dos períodos monárquicos aos republicanos com destaque para o papel das mulheres e demais indivíduos romanos	

TEMÁTICA 11. CIDADE ETERNA

11.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *cidade eterna* e conversar e escutar as falas discentes; iniciar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

11.1 Cidade eterna

Tecida nas sete colinas

Qual o papel da mulher

Na Roma Antiga

Professor Kuraakîtiye.

11.2 Você sabe... Fazer uma comparação dos papéis das mulheres indígenas e não indígenas de Roraima com os das mulheres da antiguidade romana?

11.3 Dica de leitura de escritoras de Roraima:

11.3.1 *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico, literatura juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima.

Figura 21. Capa do livro eu sou macuxi e outras histórias – de Julie Dorrico

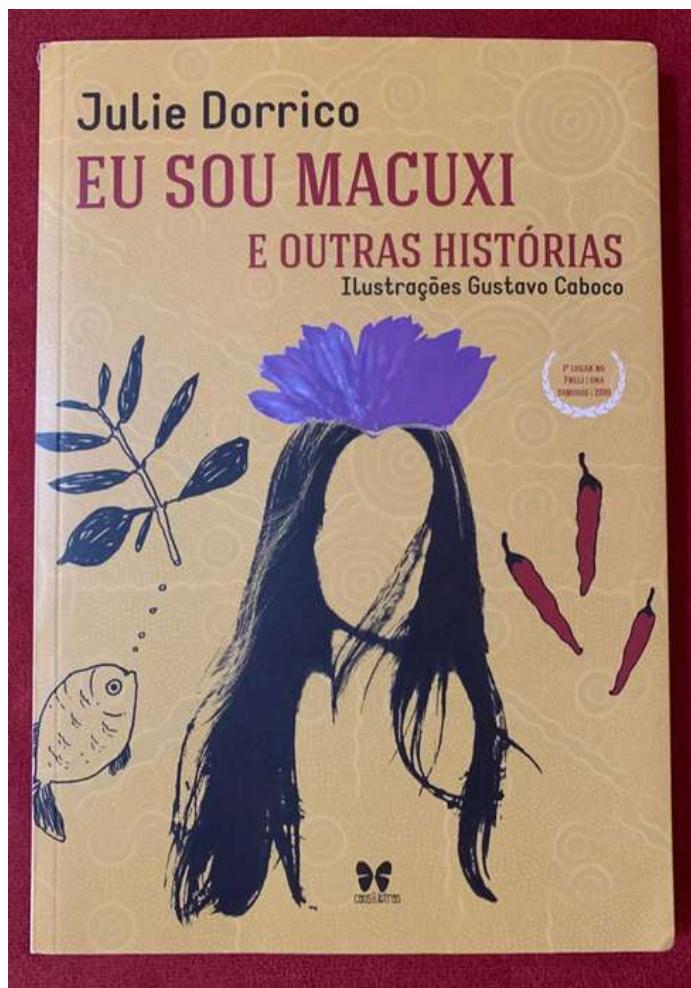


Foto (2024) clique de livro do acervo do autor

Minibiografia:

Eu sou Trudruá Dorrico, nasci nas terras da cachoeira pequena, conhecida como Guajará-Mirim. E nas margens do Rio Madeira que cresci ouvindo minha mãe contar as memórias da família, dessas gentes que viviam lá quando acaba o Rio Amazonas. Um dia atravessamos esse rio gigante e fomos conhecer nossos parentes em Boa Vista, em Bonfim (RR) e em Lethen (Guiana). Essa travessia feita ainda na infância, foi, por meio da minha bisavó, o meu encontro com Makunaima e com as histórias macuxi. Escrevo esse livro, objeto usado por não indígenas para contar por muitos séculos nossas histórias, para ocupar esse lugar de autoria, tão caro aos sujeitos indígenas. Também sou doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação da PUCRS.

11.4 Questões para saber mais

Questão 11.4.1 Que costumes fazem parte dos papéis sociais das mulheres indígenas e não indígenas de Roraima, que eram também papéis sociais das mulheres romanas antigas?

Questão 11.4.2 O que o livro didático de História da Escola narra sobre a origem da cidade eterna (Roma) nas suas fases: monárquica, republicana e imperial e nela o papel das mulheres e demais indivíduos romanos?

Questão 11.4.3 O que é a moral romana?

Questão 11.4.4 Como era a vida dos nobres aos pobres romanos na Civita?

Questão 11.4.5 O que é a monarquia romana?

Questão 11.4.6 O que é a república romana?

Questão 11.4.7 O que é o império romano?

Questão 11.4.8 Qual é a ligação dos mundos grego e romano com o nosso mundo Ocidental contemporâneo?

11.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI09, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI15, EF06HI17 e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

11.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Cidade eterna		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha Cidade eterna	E discutir sobre a moral romana para as mulheres da Roma Antiga e; fazer comparações com a moral roraimense para as mulheres de Roraima atual.	
Você sabe...	Responder sobre a comparação dos papéis das mulheres indígenas e não indígenas de Roraima com os das mulheres da antiguidade romana	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XI	

11.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XII: dos que é e quantos eram os que faziam parte ou não da cidadania no mundo greco-romano antigos	

TEMÁTICA 12. CIDADANIA

Figura 22. Discência dos povos originários de Roraima, dançando Parixara, na formação com docentes das escolas indígenas do território de Alto São Marcos, na comunidade Sorocaima 2 – município de Pacaraima



Foto (2024) clique feito pelo autor

12.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminhos *cidadania e florestania* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; ler o texto *o que é a cidade?* e perceber relações com a *mata* dos povos originários e tradicionais; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

12.2 Cidadania

Hoje é para todos
Nem sempre foi assim
Ontem era para poucos

Professor Kuraakîtiye.

12.3 Florestania

Criada por Chico Mendes
Inclui nos direitos
Os povos da floresta

Professor Kuraakîtiye

12.4 “O que é a cidade?

É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território artificializado, exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram.” (Santos, 2023, p. 13).

12.4.1 Texto extraído do livro “A terra dá, a terra quer” de Antônio Bispo dos Santos, que faz uma antropogeografia da vida na floresta lugar que cabe todos e todas seres e não apenas os humanos, como é na cidade.

12.5 Você sabe... Fazer uma comparação de como vivem os seres na cidade, floresta e lavrado de Roraima?

12.6 Questões para saber mais

Questão 12.6.1 Em Roraima os povos originários (indígenas) defendem e vivem de acordo com a florestania (direitos de quem vive na floresta) e lavradania (direitos de quem vive no lavrado) que deve ser acrescentado a cidadania (direitos de quem vive na cidade). Sendo indígena ou não-indígena, qual é a sua posição com relação essa questão envolvendo o nosso território povos roraimenses?

Questão 12.6.2 O que o livro didático de História da Escola discute sobre que eram os que faziam ou não parte da cidadania no mundo greco-romano?

Questão 12.6.3 O que é cidadania?

Questão 12.6.4 Como homens e mulheres do mundo Ocidental vem sendo tratados e incluídos na cidadania como direito de todos e de todas?

Questão 12.6.5 O que é ser cidadão e cidadã?

Questão 12.6.6 É possível a inclusão de todo o povo brasileiro nos direitos de cidadania?

Questão 12.6.7 É possível a inclusão de todo o povo roraimense nos direitos de cidadania?

Questão 12.6.8 É possível inclusão cidadã da diversidade com igualdade e equidade de todos e todas?

12.7 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, do organizador do Componente de História – 6º ano.

12.8 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Cidadania		
Atividade	Ação	Situação
Ler poemínhas Cidadania e Florestania	E discutir sobre a inclusão da florestania na cidadania quem ganha com isso	
Você sabe...	Responder sobre a comparação florestania, lavradania e cidadania no ambiente de Roraima	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XII	

12.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtiye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias.** Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu/PISEGRAMA, 2023.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XIII dos conceitos e das análises de <i>império</i> no mundo antigo e como eram os diferentes equilíbrios & desequilíbrios entre as partes envolvidas	

TEMÁTICA 13. IMPÉRIOS MUNDO AFORA

13.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *impérios mundo afora* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

13.2 Impérios mundo afora

Grupos humanos
Dominando territórios e gentes
Desigualou as classes humanas

Professor Kuraakîtiye.

Figura 23. Zona urbana da cidade de Boa Vista – bairro São Vicente – Boa Vista



Foto (2024) clique feito pelo autor

Figura 24. Terra Indígena Raposa/Serra do Sol – região das serras – Uiramutã



Foto (2024) clique feito pelo autor

13.3 Você sabe... A partir das figuras 13 e 14, acima, fazer uma comparação de como vivem os seres da cidadania, florestania e lavradania de Roraima?

13.4 Questões para saber mais

Questão 13.4.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre impérios no mundo Antigo?

Questão 13.4.2 Formar Grupos de Trabalho de História – GTHIS06 – e fazer estudos de casos sobre: como eram as relações entre os povos que construíram grandes impérios no mundo Antigo e os povos subjugados a esses impérios mundo afora?

Questão 13.4.2.1 GTHIS06 Brasileiro: Estudo de caso para se entender: os conceitos e análises do Império Tupinambá no Brasil-indígena

Questão 13.4.2.2 GTHIS06 Americano: Estudo de caso para se entender: os conceitos e análises do Império Inca na América-indígena

Questão 13.4.2.3 GTHIS06 Africano: Estudo de caso para se entender: os conceitos e análises do Império Egípcio na África.

Questão 13.4.2.4 GTHIS06 Europeu: Estudo de caso para se entender: os conceitos e análises do Mundo Grego e do Império Romano na Europa.

Questão 13.4.2.5 GTHIS06 Asiático: Estudo de caso para se entender: os conceitos e análises do Império Chinês na Ásia.

13.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, do organizador do Componente de História – 6º ano.

13.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Impérios mundo afora		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminhas Impérios mundo afora	E saber o que pensa a discência da dominação imposta por esses impérios sobre lugares e pessoas munda afora	
Você sabe...	Responder sobre os seres viventes das florestas, lavrados e cidades de Roraima	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS para estudar os casos dos impérios e responder as questões sobre tais	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XIII	

13.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias.** Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto XIV: das análises diferenciadas de contatos, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços e o papel das guerras de disputas territoriais na construção do mundo medieval	

TEMÁTICA 14. NEM TODO O MUNDO FOI MEDIEVAL

14.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminhas *nem todo o mundo foi medieval* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

14.2 Nem todo o mundo foi medieval

Era medieval e feudal
Só no Ocidente Europeu
Outros lugares seguiram urbanos

Professor Kuraakîtîye.

14.3 Você sabe... Descrever o conceito de “feudo” e como era feito esse ritual de nobreza no mundo medieval europeu ocidental?

14.4 Questões para saber mais

Questão 14.4.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre a construção do Mundo Medieval e onde ele foi construído e quais foram seus reflexos para outros lugares do mundo?

Questão 14.4.2 O que os movimentos de contatos envolvendo o mundo territorial imperial formado na antiguidade, que ia da África a Índia, sempre impulsionados pela guerra, tem a ver com a construção do Mundo Medieval Europeu Ocidental?

Questão 14.4.3 Quando começa, se aprofunda, dura e quando termina o Período Medieval Europeu Ocidental?

Questão 14.4.4 No Período Medieval Europeu Ocidental é criada a Igreja Católica, que influencia toda a história do período no território fundador do medievalismo e para além deste. Como se estruturou clerical, temporal e secularmente essa instituição poderosíssima?

Questão 14.4.5 GTHIS06 pesquisar sobre: a função de **orar** do clero católico medieval?

Questão 14.3.6 GTHIS06 pesquisar sobre: a função de **lutar** dos cavaleiros medievais?

Questão 14.4.7 GTHIS06 pesquisar sobre: a função de **trabalhar** dos servos medievais?

14.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI13 EF06HI16, EF06HI17, EF06HI18, EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

14.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Nem todo o mundo foi medieval		
Atividade	Ação	Situação
Ler poemas nem todo o mundo foi medieval	E saber o que pensa a discência da dominação mundo medieval para se referir a lugares até o tempo presente	
Você sabe...	Responder sobre o conceito de feudo e com se dava o ritual no mundo europeu medieval	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS para estudar os casos dos impérios e responder as questões sobre tais	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XIV	

14.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XV: dos movimentos de pessoas, produtos e culturas mediterrânicas com características de um <i>mundo</i> interagindo rumo a uma ação econômica presente	

TEMÁTICA 15. UM MAR TRANSCENDENTAL

15.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminhas *um mar transcendental* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discênciia escreveu; incentivar a discênciia, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; ler com a discênciia o *soneto poema de avaliagem mediterrânea* e escutar o que essa tem a dizer, entre outras, sobre a *civita* e o centro *cívico* da cidade de Boa Vista; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

15.2 Um mar transcendental

Do Mediterrâneo
Emergem os demiurgos
Do Mundo Ocidental

Professor Kuraakîtiye.

15.3 Você sabe... Descrever o nascimento do herói Nacional, as margens do rio Uraricoera, ligado ao demiurgo criador das paragens e dos povos originários Makuxi, narrado no livro Macunaíma, de Mario de Andrade?

15.4 Questões para saber mais

Questão 15.4.1 O que o livro didático de História da Escola revela sobre seres, culturas e produtos indo e vindo pelo Mar Mediterrâneo interagindo desde a antiguidade até os tempos contemporâneos?

Questão 15.4.2 GTHIS06 – Mapear a localização e extensão do Mar Mediterrâneo no mundo – fazendo uma narrativa dos procedimentos que foram seguidos para realização da tarefa?

Questão 15.4.3 GTHIS06 – Fazer uma descrição dos seres que vivem e navegam pelo Mar Mediterrâneo – fazendo uma narrativa dos procedimentos que foram seguidos para realização da tarefa?

Questão 15.4.4 GTHIS06 – Produzir uma lista de culturas locais como também das levadas e trazidas com transeuntes do Mar Mediterrâneo – fazendo uma narrativa dos procedimentos que foram seguidos para realização da tarefa?

Questão 15.4.5 GTHIS06 – Fazer uma descrição dos produtos comercializados indo e vindos de diversos lugares do mundo pelo Mar Mediterrâneo – fazendo uma narrativa dos procedimentos que foram seguidos para realização da tarefa?

Questão 15.4.6 GTHIS06 – Fazer uma descrição do último império do Mediterrâneo, que abriu caminho para o Período Medieval Europeu Ocidental. E, depois, caminho para a Modernidade Ocidental – fazendo uma narrativa dos procedimentos que foram seguidos para realização da tarefa?

Questão 15.4.7 Soneto poema de avaliação mediterrânea

África é a mãe da civilização mediterrânea
Que gregos e outros navegantes pegavam
Levavam a traziam para outras costas
Do mar de Odisseias e Ilíadas

Do Egito veio os contos e as escritas
Que rumaram para Oriente Médio
Emergindo povoações aldeias vilas
Clãs faraós reis imperadores

Cidades Estados Cívitas
Mundo reinos impérios
Ida e vindas de gentes

Culturas produtos diversos
Mitos filosofias religiões ciências
Moldaram o mundo mediterrâneo

Professor Kuraakîtiye.

15.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI15, EF06HI17 e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

15.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Nem todo o mundo foi medieval		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminhas um mar transcendental	E saber o que pensa a discência da transcendentalidade mediterrânea para outros lugares, além-mar, até o tempo presente	
Você sabe...	Descrever o nascimento do herói Nacional, as margens do rio Uraricoera, ligado ao demiurgo criador das paragens e dos povos originários Makuxi, narrado no livro Macunaíma, de Mario de Andrade	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Leitura de soneto	<i>Ler o soneto poema de avaliação mediterrânea</i>	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS para estudar os casos da transcendentalidade mediterrânea para outros lugares, além-mar, até o tempo presente	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XV	

15.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Contos históricos em sonetos**. Boa Vista-RR: reprografia, 2009.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtîye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XVI: dos movimentos de abastecimentos, formas e organizações do trabalho vida social e as relações entre senhores e servos, adultos e crianças medievais	

TEMÁTICA 16. NA “ESTÁTICA” SOCIEDADE MEDIEVAL

16.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discância

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *na “estática” sociedade medieval* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discância escreveu; incentivar a discância, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

16.2 Na “estática” sociedade medieval

O clero católico rezava
O nobre cavaleiro lutava
Os servos da terra trabalhavam

Professor Kuraakîtiye.

Figura 25. Na cidade de Boa Vista, em frente à igreja que leva o nome do santo, monumento a São Francisco de Assis



Foto (2024) clique feito pelo autor

Figura 26. Desenho de uma vovó ancestral dos povos originários de Roraima, na igreja memorial da comunidade do Barro, região do Surumu, no território indígena Raposa-Serra-do-Sol – município de Pacaraima



Foto (2024) clique feito pelo autor

16.3 Você sabe... Descrever, a partir do monumento de São Francisco, o cuidado com os animais e a natureza, que lhe rendeu o título de patrono do meio ambiente e; da vovó ancestral dos povos indígenas, a simbiose dos povos originários, com o ambiente que é parte?

16.4 Questões para saber mais

Questão 16.4.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre movimentos de abastecimentos, formas e organizações do trabalho vida social e as relações entre senhores e servos, adultos e crianças medievais?

Questão 16.4.2 GTHIS06 – Fazer uma exposição fotográfica de como era feito o abastecimento alimentício diversos da sociedade medieval?

Questão 16.4.3 GTHIS06 – Fazer um mapa descritivo de como eram as formas e organizações do trabalho da sociedade medieval?

Questão 16.4.4 GTHIS06 – Fazer um desenho representativo de como era a vida social da sociedade medieval?

Questão 16.4.5 GTHIS06 – Fazer uma dramatização teatral de como era as relações entre senhores e servos da sociedade medieval?

Questão 16.4.6 GTHIS06 – Fazer um seminário de como era a convivência entre adultos e crianças da sociedade medieval?

Questão 16.4.7 GTHIS06 – Fazer um estudo de caso sobre: qual a finalidade da Cruzada das Crianças Medievais?

Questão 16.4.8 Reveja a **Figura 26**. *Desenho de uma vovó ancestral dos povos originários de Roraima, na igreja memorial da comunidade do Barro*, acima, pesquise e descreva, o motivo de ser a *igreja memorial*?

16.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI15, EF06HI17 e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

16.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Na “estática” sociedade medieval		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminhos na “estática” sociedade medieval	E saber o que pensa a discência sobre os que oravam, lutavam e trabalham na sociedade medieval e como veem no tempo atual essas ações no poeminha	
Você sabe...	Descrever, a partir do monumento de Francisco e seu cuidado com os animais e a natureza, que lhe rendeu o título de patrono do meio ambiente	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS para fazer as atividades sobre a sociedade medieval	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XVI	

16.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.
DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XVII: dos tipos e diferenciações de trabalhos de escravizados, servidão e livre no mundo antigo e suas analogias contemporâneas, inclusive os trabalhos análogos a escravidão	

TEMÁTICA 17. DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

17.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *a desumanização do pelo homem* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

17.2 Desumanização do homem pelo homem

O que é um homem
Que desumaniza outro homem
E o torna escravizado

Professor Kuraakîtiye.

17.3 Questões para saber mais

Questão 17.3.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre tipos e diferenciações de trabalhos de escravizados, servidão e livre no mundo antigo e suas analogias contemporâneas, inclusive os trabalhos análogos a escravidão?

Questão 17.3.2 GTHIS06 Pesquisar e anotar quais os conceitos e formas de trabalhos escravos no mundo antigo?

Questão 17.3.3 GTHIS06 Fazer uma redação histórica sobre quais as características de servidão no mundo medieval?

Questão 17.3.4 GTHIS06 Fazer uma busca e organizar uma colagem de imagens sobre formas de trabalho livres desde o mundo antigo até os tempos contemporâneos?

Questão 17.3.5 GTHIS06 Procurar, recortar e fazer colagens de reportagens escritas atuais sobre o que é trabalho análogo a escravidão?

Questão 17.3.6 GTHIS06 Fazer um estudo de caso sobre: Existe confirmação de trabalho análogo a escravidão no território roraimense?

Questão 17.3.7 GTHIS06 Fazer uma redação histórica sobre o que diz as leis sobre os direitos trabalhistas no Brasil contemporâneo?

17.4 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI06, EF06HI17 EF06HI08, e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

17.5 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Na “estática” sociedade medieval		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminhos na “estática” sociedade medieval	E saber o que pensa a discência sobre os que oravam, lutavam e trabalham na sociedade medieval e como veem no tempo atual essas ações no poeminha	
Você sabe...	Descrever, a partir do monumento de Francisco e seu cuidado com os animais e a natureza, que lhe rendeu o título de patrono do meio ambiente	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS para fazer as atividades sobre a sociedade medieval	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XVII	

17.6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XVIII: dos caminhos e descaminhos religiosos culturais cristãos interagindo nos modos de organização sociais desde o período medieval até os tempos atuais	

TEMÁTICA 18. O CARA DA QUEBRADA

18.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha *o cara da quebrada* e conversar e escutar as falas discentes; continuar a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência enumerou; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

18.2 O cara da quebrada

Da Cisjordânia

Era o cara

Jesus da gente

Professor Kuraakîtiye.

Figura 27. Foto do rosto de Jesus



Foto (2020) do fotógrafo holandês Bas Uterwijk

18.3 Você sabe... Enumerar a 2^a coluna de acordo com a 1^a, sobre o Jesus da gente?

1. Jesus nasceu na aramaico.
2. A língua materna de Jesus era o evangelhos.
3. Mulher que Jesus livrou de ser apedrejada amar ao próximo.
4. Para Jesus o maior mandamento era Maria Madalena.
5. Os livros que narram as boas novas sobre Jesus são chamados de Cisjordânia.

18.4 Questões para saber mais

Questão 18.4.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre caminhos e descaminhos religiosos culturais cristãos interagindo nos modos de organização sociais desde o período medieval até os tempos atuais?

Questão 18.4.1.2 GTHIS06 Fazer uma redação histórica sobre o que é o Judaísmo, de onde deriva o Cristianismo e o Islamismo as três maiores religiões do mundo.

Questão 18.4.1.3 GTHIS06 Pesquisar sobre qual o lugar de surgimento do cristianismo?

Questão 18.4.1.4 GTHIS06 Historiar sobre quem eram os cristãos e por que eram chamados assim?

Questão 18.4.1.5 GTHIS06 Informar por escrito sobre qual foi o papel de Constantino na autorização do culto as Cristianismo?

Questão 18.4.1.6 GTHIS06 descrever o papel dos germânicos na manutenção da Igreja de Cristã, com o fim do Império Romano?

Questão 18.4.1.7 GTHIS06 Fazer estudo de caso sobre a fundação da Igreja Católica no Século V – e seu predomínio por mil anos – até o final do século XV, quando começam as lutas por reformas religiosas, gerando as igrejas protestantes – século XVI em diante. E por fim as pentecostais – século XX e suas derivadas, as neopentecostais, no final do século XX inícios do século XXI.

18.5 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI02, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI15, EF06HI17 e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

18.6 Avaliação

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: O Cara da quebrada		
Atividade	Ação	Situação
Ler poeminha na o cara da quebrada	E saber o que pensa a discência sobre o cara da quebrada	
Você sabe...	Enumerar a 2 ^a coluna de acordo com a 1 ^a , sobre o Jesus da gente	
Indicação do livro Eu sou Makuxi e outras histórias, de Julie Dorrico.	Fazer a leitura do livro	
Questões para saber mais	Formar os GTHIS06 para fazer as atividades sobre o cara da quebrada	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XVII	

18.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3^a edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakîtye**. Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

Componente de História – 6º ano	
Escola/colégio:	
Professor(a):	
Estudante:	Ano: 6º
Município:	Estado: Roraima
Data:	Bimestre:
Contexto histórico XIX: dos diferentes papéis sociais e dos movimentos das mulheres no mundo antigo, nas sociedades medievais comparadas com as mulheres contemporâneas, inclusive no Brasil e, especialmente, em Roraima	

TEMÁTICA 19. SER MULHER

19.1 Orientações de implementação do contexto histórico com a discência

Para desenvolver a temática, partindo do local, ler poeminha na “estática” *sociedade medieval* e conversar e escutar as falas discentes; concluir a leitura do livro *Eu sou Makuxi e outras histórias*, de Julie (Truduá) Dorrico, literatura infanto-juvenil, pode ser indicado para a criançada do 6º ano ler, para saber mais sobre narrativas locais indígenas de Roraima; com relação ao que *você sabe*, perceber a equidade do que a discência escreveu; ler o texto *Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR)* e perceber qual é cosmovisão das crianças do 6º ano, com relação aos movimentos das mulheres originárias, entre outras, de Roraima; incentivar a discência, de forma equitativa, a responder as *questões para saber mais*; continuar com a parte global, com as habilidades do contexto histórico, no livro didático da escola; fazer a avaliação.

19.2 Ser mulher

A mulher deve ser respeitada
 No e do jeito próprio
 Que ela escolheu ser

Professor Kuraakîtiye.

19.3 Você sabe... Descrever a importância de escutar as mulheres e fazer parte da luta feminista por direitos?

Figura 28. Desenho do olhar da menina, em um muro, na Rua Alfredo Cruz, entre a Avenida General Penha Brasil e General Ene Garcez dos Reis, em Boa Vista, Roraima, da grafiteira denominada de “Lais”



Foto (2023) clique de desenho feito pelo autor

19.4 “Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR)

As mulheres sentiram a necessidade da criação de uma entidade representativa própria, mesmo que esta estivesse vinculada ao CIR. A Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR) foi criada oficialmente na 1ª Assembleia Geral Estadual das Mulheres Indígenas de Roraima, que ocorreu no período de 28 a 30 de novembro de 1999, na maloca Três Corações, região do Amajari. Estavam presentes participantes de oito regiões indígenas do estado de Roraima, além de representantes de outras organizações como o CIR, OPIR, NUMUR e a FUNAI.” (Ramalho, 2013, p. 8).

19.5 Questões para saber mais

Questão 19.5.1 O que o livro didático de História da Escola discute sobre os diferentes papéis sociais e dos movimentos das mulheres no mundo antigo, nas sociedades medievais comparadas com as mulheres contemporâneas, inclusive no Brasil e, especialmente, em Roraima?

Questão 19.5.2 Elas eram poderosas, como as mulheres eram tratadas no Egito Antigo?

Questão 19.5.3 Mulheres de Esparta, qual era o papel das mulheres nessa sociedade guerreira?

Questão 19.5.4 Em Atenas, a vida das mulheres não era fácil, por quê?

Questão 19.4.5 O que aconteceu com a primeira mulher filósofa greco-romana Hipátia?

Questão 19.5.6 Como eram tratadas as mulheres medievais que participavam de movimentos?

Questão 19.5.7 E no Brasil e em Roraima como as mulheres se movimentam na luta pelos seus direitos?

19.6 Sobre as histórias globais, usar o livro didático de História escolhido pela escola, que ensina. Com a mobilização das habilidades: EF06HI01, EF06HI02, EF06HI03, EF06HI04, EF06HI05, EF06HI06, EF06HI07, EF06HI08, EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11, EF06HI12, EF06HI13, EF06HI14, EF06HI15, EF06HI06, EF06HI17 EF06HI08, e EF06HI19, do organizador do Componente de História – 6º ano.

19.7 AVALIAÇÃO

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES SOBRE: Povos originários de Pedra Pintada 300 anos antes do presente		
Atividade	Ação	Situação
Leituras e discussões referentes à poeminha ser mulher	Realizar leituras e discussões, a partir da poeminha ser mulher, local roraimense	
Indicação do livro o cão e curumim, de Cristino Wapichana	Fazer a leitura do livro	
Leitura de texto	Ler o texto <i>Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR)</i>	
Questões para saber mais	Ler, debater e responder as questões	
Histórias globais do livro didático de História da Escola	Mobilização das habilidades do contexto XIX	

19.8 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

COSTA FILHO, Benone. **Poemas Kuraakítîye.** Boa Vista-RR: reprografia, 2024.

DORRICO, Julie. **Eu sou Makuxi e outras histórias.** Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

RAMALHO, Carla Onofre. **Unidas para a luta:** Organização de Mulheres Indígenas de Roraima. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498772313_ARQUIVO_Textocompleto.pdf. Acesso em: 11 de janeiro de 2024.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental.** SEEDRR, 2018.

CONSIDERAÇÕES

Em xodós

A minha banca de mulheres poderosas
 Da ciência e ensino de História da
 UFRR/UERR Alessandra Maria Mariana
 Queriam que falasse mais de mim

Do povo igual a elas e demais da nossa
 Consciência de classe sou docente de
 Gente que sou parte da escola pública
 Que com a discância sujeitos desta

Produzimos coletivamente há mais de
 Três décadas aulas molhadas de
 Leituras escritas com interpretação

Encharcadas com nossas histórias numa
 Trajetória de sucesso eu e as turmas
 Nós dodiscância aprendendo-ensinando

Professor Kuraakîtye.

Concebendo uma educação e ensino escolar, que faça com que a discância da etapa do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual de Roraima: aprenda, de forma intercultural, a ler, escrever e interpretar de maneira crítica, equitativa, igualitária e significativa as habilidades históricas ensinadas. Este caderno foi produzido abordando a BNCC/DCRR, componente de História do 6º ano, da Antiguidade e Medievalidade, de maneira decolonial, a partir da História do território de vivência discente, envolvendo os povos locais que lhes antecederam. E a caminhada e as ações ocorridas ao longo do tempo, levando em consideração a contemporaneidade e o cotidiano da discância roraimense.

Este trabalho apresentou uma análise do ensino de História, aprendizagem e interculturalidade, com o objetivo práxis de, para além de revelar esses conceitos, perceber seus usos no cotidiano da aprendizagem discente e no ensino docente, para fazer com que as aulas

didáticas de História aconteçam com ensino-aprendizagem significativo da dodiscência da educação básica, especialmente à docência e discência da etapa do 6º ano.

Nesse sentido os estudos de Walch (2019), Fernandes (2023), Repetto (2023), entre outro/as, foram fundamentais para reflexões que nos permitiram compreender o que aparece como sendo intercultural no processo de ensino aprendizagem no 6º ano ao estabelecer a relação entre as habilidades do ensino local para o global.

A busca por igualdade e equidade, entre os saberes históricos globais produzidos no livro didático de História do 6º ano e os saberes históricos locais do território roraimense refletem a produção do caderno de aprendizagem de ensino de História para a discência do 6º ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino de Roraima.

Entretanto, para se fazer essa produção do caderno, se fez necessário ser percorrido um caminho cheio de desafios, em torno do projeto, foram feitas leituras teóricas com relação ao ensino-aprendizagem de História, tais como a *didática da História* de Jörn Rüsen, a *tecelagem histórica* de Durval Muniz, a pedagogia libertadora de Paulo Freire, as metodologias ativas das professoras Léa Anastasiou e Leonir Passates, como também autoras e autores, que referenciam histórias diversas da Amazônia internacional, nacional, caribenha e roraimense, que subsidiaram a parte local do caderno. Isso somado a avaliação da escola necessária, uma perspectiva do professor Niedson Rodrigues.

O caderno foi inventado para fazer com que as histórias locais da terra de Makunaima, Omama, Roraima, que não aparecem no livro didático, assim, unindo os territórios global e local à discência do 6º ano que possa e deva aprender desde a história do lugar, local onde vive e é parte. Nesse sentido, atingir as habilidades e competências que o ano exige de forma integral.

As leituras realizadas para produção do caderno se fizeram a partir de estudos da história local intercultural roraimense, envolvendo os povos originários, roraimenses, roraimados e migrantes, numa perspectiva e cosmovisão da discência do 6º ano, crianças que veem o mundo como um lugar lúdico, e estes, nesse, brincam na aprendizagem de sujeitos-parte desse mundo. Todos os 19 contextos históricos do caderno seguiram nessa direção.

No mais deixar que a imaginação histórica da comunidade docente-discente, a dodiscência, viaje, crie, recrie as habilidades deste caderno, para que se transforme em competências históricas locais e globais que a etapa e este ano do ensino fundamental exigem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos:** novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. ALVES, Leonir Passates (organizadoras). **Processos de ensinagem na Universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em sala de aula. 7^a edição. Joinville: UNIVILLE, 2007.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma:** o herói sem nenhum caráter. 33^a edição. Belo Horizonte: 2004.

ARAGON, Luiz E. (organizador). **Migração Internacional na Pan-Amazônia.** Belém: NAEA/UFPA, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2017.

BRASIL. CAPES. **Catalogo de Teses e Dissertações.** Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/2006.** 5^a edição. Brasília DF: Senado Federal, 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação.** Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, 2013.

CAIMI, Flavia Eloisa. (2015). **O que precisa saber um professor de história?** História & Ensino, 21(2), 105–124. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2015v21n2p105>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2025.

CALAINHO, Daniela Buono. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. FERREIRA, Jorge Luiz. VAINFAS, Ronaldo. **História Doc.** [livro eletrônico]: 6º ano. 3^a edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

CARVALHO, Fabíola. Repetto, Maxim. Santos, Jovina Mafra dos. (Organizadores). **PIBID Licenciatura Intercultural:** Pesquisa do Calendário Cultural e Formação de Professores Indígenas em Roraima. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

RORAIMA. Conselho Indígena de Roraima – CIR. **Oficina na comunidade Caracanã aborda a violência contra a mulher e combate à bebida alcoólica.** Normandia: CIR, 2023. Disponível em: <https://cir.org.br/.2024/02/23/oficina-na-comunidade-caracana-aborda-violencia-contra-mulher-e-combate-a-bebida-alcolica/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

COSTA FILHO, Benone. **Projeto História Cotidiana para o ensino fundamental:** subsídio de estudos de História com a discância dos 6º anos Coema. Boa Vista: apostila, 2008.

COSTA FILHO, Benone. MACÊDO, Inês Rogélia Dantas. **Ensino de História:** um projeto para o ensino fundamental. In: MIBIELLI, Roberto. SANTOS, Herica Maria Castro dos.

FERNANDES, Maria Luiza. (Organizadores). Ponto Incomum: práticas pedagógicas e integração na UFRR. Volume 2. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

COSTA FILHO, Benone. **História Cotidiana para a educação básica:** subsídio de estudos de História para o ensino fundamental: 6º ano CME. Boa Vista: apostila, 2013.

COSTA FILHO, Benone. **Quero ser professor, essa foi a minha escolha profissional, seguida da minha trajetória docente na escola pública roraimense.** In: FERNANDES, Maria Luiza. SANTOS, Nonato Gomes dos. (Organizadores). Compartilhando experiências do/no ensino de História: desafios e possibilidades. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

FERNANDES, Ana Paula Cerqueira. Por um ensino de História intercultural: refazer caminhos teóricos e práticos para a superação da colonialidade que nos forja. **Revista REPECULT**, V. 6 n. 10, 2022. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/REPECULT/index>. Acesso em: 24 de dezembro de 2023.

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 33ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALICARNASSO, Heródoto. **Heródoto História.** disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

HOBSBAWN, Erik. **Era dos extremos:** o breve século XX 1914 a 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LANDA, Mariano Báez. HERBETTA, Alexandre Ferraz. (Organizadores). **Educação indígena e interculturalidade:** um debate epistemológico e político. = **Educación indígena e interculturalidad:** um debate epistemológico y político – bilingue – Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

FERREIRA, Angela Ribeiro. et.al. (Orgs). BNCC de História nos estados: o futuro do presente [recurso eletrônico]. In: OLIVEIRA, Monalisa Pavvone. In: **Ensino de História: interesse de todos (!): análise da História de Roraima e relações étnico-raciais no documento curricular de Roraima (2018).** Porto Alegre: Editora FI, 2021, pp. 413-435.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **Amazonia Caribenha:** processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana. Boa Vista: EDUFFR, 2020.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

NADAI, Elza. **A escola pública contemporânea**: os currículos oficiais de História e o ensino temático. Revista Brasileira de História, v. 6, n. 11, p. 99-116, set. 1985/fev. 1986.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RAMALHO, Carla Onofre. **Unidas para a luta**: Organização de Mulheres Indígenas de Roraima. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498772313_ARQUIVO_Textocompleto.pdf. Acesso em: 11 de janeiro de 2024.

REPETTO, Maxim. O Conceito de Interculturalidade: trajetórias e conflitos desde América Latina. **Revista Textos e Debates**, Boa Vista, n.33, p. 69-88, jul./dez. 2019. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v2i33.5986. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosdebates/article/view/5986/pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e sentidos do Brasil. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentiz. Et al. Projeto Arqueológico de Salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil – segunda etapa de campo (1995). In: **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas** – CEPA – Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (APESC) vol. 13, n. 16, 1996.

RORAIMA. Documento Curricular Estadual. **Componente de História do Ensino Fundamental**. SEEDRR, 2018.

RORAIMA. **Matrizes Curriculares da Rede Estadual de Ensino de Roraima**: Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano, Novo Ensino Médio e Ensino Médio de Tempo Integral. Resolução CEE/RR 45 de 05 de setembro de 2022. Boa Vista: CCE/RR, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. editores, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. Et. Al. **História.Doc**: 6º ano. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 2022.

VILELA, José. **Moama**. Boa Vista: edição do autor, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e o curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. In: **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas** (UFPel) v. 05, n. 1, jan.-jul., 2019.

XAVIER, Antônio Roberto. VASCONCELOS, José Geraldo. FIALHO, Lia Machado Fiúza (org.). **História memória e educação: aspectos conceituais e teóricos metodológicos**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

AMORIM, Mariana de Oleveira. MELLO, Rafaela Albergaria. RALEJO Adriana Soares. BNCC e o ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77056, 2021 1. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/4jVvMMkVMzjLGYRrrBnKnft/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 de novembro de 2023.